

## 2

# Problemática da Criação e Salvação no Discurso Teológico

## 2.1

### Introdução

Com o objetivo de ser identificada, a princípio, uma problemática em relação ao tema da criação e salvação no discurso teológico, há perguntas que não intentam a um estado de silêncio, que são: *Por que uma problemática? Quais são os seus pressupostos?* Está dentro do campo de uma investigação séria a ação de se tentar compreender algo do conhecimento a que se refere à fé cristã, mas que seja de modo consciente e equilibrado. Quando se investiga algo em teologia, não se pode deixar de lado o seu objeto de investigação fundamental: a *fé*. A fé não aparece sozinha, mas traz em sua configuração tudo o que é sempre referente à *vida de fé*.

Uma vez que essa investigação tem de ser feita, são fundamentais alguns instrumentos que compõem a busca, porque para se produzir reflexões teológicas é necessário o exercício da seriedade com a revelação e a tradição cristã, e um dos elementos básicos é justamente o ato de crer. Indo mais além, faz-se também necessário uma afirmação de fé não-vazia, mas que encontre solidez. Solidez para se configurar uma realidade equilibrada, considerando uma maneira que contemple a tríade integralidade, abrangência e profundidade, como modo de pensar o mundo e a vida, como realidades e bens que vêm de Deus.

O que segue são os pressupostos da problemática e também os da modernidade que estão ainda em voga. Não se pode pensar que instrumentos que surgiram há alguns séculos tenham deixado de atuar. Sendo assim, urge que se aspire com todas as forças vitais o resgate teológico da criação e salvação.

## 2.2

### Pressupostos da problemática

A criação é evento<sup>1</sup> separado da salvação? Eis que se instaura uma dificuldade para que a teologia perscrute as sendas de uma reflexão mais aprofundada acerca desse assunto que é vital para a própria Teologia. Por que afinal existe algo e não muito antes nada? E em relação ao nada que foi transformado aparecem os três reinos: animal, vegetal e mineral, segundo os relatos da criação (Gênesis 1, 2). Nesse cenário todo especial surge o ser humano, criado à imagem e conforme a semelhança do Deus Trino (Gênesis 1.26). Pois a Teologia trata logo de início que a criação não é obra do acaso, mas de um Deus Criador. Sendo obra de Deus, pode-se refletir que o Deus que cria é o Deus que salva, que cuida daquilo que estabeleceu.

A problemática que se levanta é se a criação é separada da salvação. Deus cria o homem, ele peca, depois Deus cria um plano de redenção e o homem é salvo? Será que o homem teve o poder de estragar o plano de Deus e depois ser salvo?<sup>2</sup> E ainda mais: é somente o homem que é salvo? E a criação, tem ela parte também na redenção? Tudo indica que a Teologia tem de refletir e aprofundar as suas reflexões.

#### 2.2.1

#### O problema da abordagem teológica

Ao ser considerada uma abordagem mais consistente acerca da reflexão teológica, no que concerne à problemática da criação e salvação quanto ao discurso teológico, é de profunda importância considerar que de acordo com a fé

<sup>1</sup> Sobre este assunto do mundo como evento, remete-se ao artigo de GISEL, Pierre., *Création et Eschatologie. Initiation à la pratique de la théologie*. Dogmatique II; Paris; Cerf, pp. 613-722, 1993.

<sup>2</sup> Esta questão tem a ver com a proposição de MOLTSMANN, J. **A Vinda de Deus**. [Tradução: Nélio Schneider]; São Leopoldo, RS: 2003, p. 89: “A relação de Deus com os seres humanos, na qual estes são definidos como imagem de Deus, não pode ser destruída nem pelo pecado nem pela morte dos seres humanos. Somente Deus mesmo pode desfazer a sua relação com os seres humanos e abdicar da sua fidelidade, quando ele ‘se arrepende’ de ter criado esses seres. Porém, enquanto Deus mantiver a sua relação com seres humanos, a definição destes como imagem de

judeu-cristã, a doutrina da criação é, no sentido verdadeiro, doutrina de Deus uma forma de confissão de Deus como origem de todas as coisas, que, ao mesmo tempo, quer ser destino, do Criador que, ao mesmo tempo, quer ser salvador e consolador.<sup>3</sup>

Por muito tempo a Igreja, principalmente a igreja protestante esteve distanciada do assunto da criação, compreendendo em seu contexto uma salvação desintegrada, considerando a alma em detrimento do corpo.<sup>4</sup> Um ensino assim, apresenta-se sob a forma de uma linha gnóstica, responsável pela reflexão de uma salvação desintegrada do corpo.<sup>5</sup> Em sua forma mais primitiva, o gnosticismo desapareceu quase totalmente no final do século III,<sup>6</sup> época em que emergiu o maniqueísmo,<sup>7</sup> tendência de dividir o mundo entre o bem e o mal.

Percebe-se também que um outro problema seja causa de transtorno para a reflexão teológica, que é o panteísmo.<sup>8</sup> Do lado da ciência pode-se verificar o sistema cartesiano,<sup>9</sup> que é base fundamental da modernidade, no sentido de separar mente e espírito. Da mesma forma, apenas se afirma teoricamente um Deus Criador e Salvador como mera confissão que somente sai do sentido da fala, sem um compromisso radical com a prática ensinada pela Bíblia e pela tradição teológico-ecclesial.

Verifica-se também que existe uma crise ambiental no mundo, e que em muito compromete o ecossistema. Por que os pontos de vista teológico-criacionistas sofreram abalos, quando no passado se levantaram acusações de que a ordem bíblica dada aos seres humanos de dominarem a terra e de explorá-la em seu proveito deu uma grande contribuição para a atual ameaça do meio ambiente?<sup>10</sup> Talvez para muitos cristãos o problema da relação entre Criação e

---

Deus permanece indissolúvel, inalienável e imortal. Se não fosse assim, pecado e morte seriam mais poderosos do que Deus e Deus não seria Deus”.

<sup>3</sup> Remete-se o leitor à obra de SATTER, D. e SCHNEIDER, T. Doutrina da Criação, p. 115. In: **Manual de Dogmática**. Petrópolis-RJ: 2002, Vol. I, p. 115.

<sup>4</sup> Sobre este assunto alguns teólogos elaboraram suas críticas, como por exemplo, c.f. MOLTMANN, J. **A vinda de Deus**, 374p; HOEKEMA, A. **A Bíblia e o Futuro**, p. 413p; LIBÂNIO, J.; BINGEMER, M. C. L. **Escatologia Cristã**, 302p.; BRAATEN, C. E. & JENSON, R. W. **Dogmática Cristã**, Vol: 2; SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática**, Vol. 2.

<sup>5</sup> Verificar a obra de VIEIRA, S. **O Império Gnóstico Contra-Ataca**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, pp. 17-67.

<sup>6</sup> Cf. VIEIRA, S. **O Império Gnóstico Contra-Ataca**, p. 11.

<sup>7</sup> VIEIRA, S., op. cit. p. 11.

<sup>8</sup> É tratado mais à frente.

<sup>9</sup> É tratado, semelhantemente, mais à frente.

<sup>10</sup> Cf. Id., SATTER, D. e SCHNEIDER, T. Doutrina da Criação,. In: **Manual de Dogmática**, v. I, p. 115.

Salvação se coloque no nível de uma abordagem de cunho espiritualista de proporções gnósticas, em que este mundo jaz no maligno. O que importa é a alma ser redimida. Enquanto essa problemática faz eco na sociedade, a terra está sendo abalada, destruída e sem defesa. É a denominada armadilha do “dualismo” religioso.<sup>11</sup>

Um tema de grande repercussão entre católicos e evangélicos nos anos 70 (Séc. XX), cujo teor resumido da temática que foi desencadeada teologicamente, resultou em estudos de juízos diferenciados, no sentido que muitos admitiram que a compreensão de realidade dos escritos bíblicos possibilitam lidar com destemor com as coisas do mundo, propiciando o progresso tecnológico.<sup>12</sup> Isto que dizer que os cristãos são chamados à única ordem de dominação que é desenvolver a salvação como resposta ao apelo a uma disposição irrestrita e responsável para preservar o mundo que é o espaço de prova de bênção outorgado pelo Criador.

A criação é lugar incontornável de prova de bênção.<sup>13</sup> A realidade se apresenta com consistência própria, rica e complexa. Tem de haver uma relação entre o homem e a natureza, como está no conteúdo da criação em sua origem. Na Bíblia pode-se encontrar uma marca decisiva de estruturação dessa realidade. Deus se revelou mais profundamente no homem e a criação é oferta ao homem, como bênção ou ocasião de graça. Percebe-se nessa linha estrutural, a figura de gratuidade de Deus para com o homem. Quanto ao problema do mal, percebe-se o aumento de contingência e seu desdobramento desde a origem. O homem é responsável pela distorção ocorrida. As forças do mal e do pecado afetaram a humanidade e a própria natureza, fazendo com que perdesse a direção e a sua missão na terra. Assim, temos uma criação em forma de processo. Ela é um bem que vem de Deus. O homem, situado no começo de uma criação de Deus e sobre ele pesa a responsabilidade de cuidar dela. A ardente expectativa da criação aguarda a libertação (Romanos 8.8.18ss).<sup>14</sup> É fundamental observar que existem

<sup>11</sup> Cf. a voz profética de TORRES QUEIRUGA, A. **Recuperar a Criação**. [Tradução: João Rezende Costa]. São Paulo: Paulus, 1999, pp. 34-39.

<sup>12</sup> Cf. Id., SATTER, D. e SCHNEIDER, T. Doutrina da Criação. In: **Manual de Dogmática**, pp. 115-116.

<sup>13</sup> Esta postura aparece bem freqüente nos escritos de Pierre Gisel.

<sup>14</sup> GISEL, P. Um salut inscrit em création. In: **Création e Salut**, pp. 121-161. Comissão de Direção: R. Célis, J. Lory, A. Tihon, M. van de Kerchove, R. Wtterwulghé. Publications des Facultes universitaires Saint-Louis. Bruxelles, 1989. É neste autor que, basicamente foi tratado o tema em questão sobre “Criação e Salvação”. Esses pontos já constantes nesta nota estão em sua grande obra **La création**, Genève, Labor et Fides, 1980, 1987. Foi oportuno inseri-los nesta parte, a fim de que o leitor já seja dele íntimo, pois em muito traz profundas contribuições.

as dimensões da experiência humana inscritas por Deus na obra da criação. Novos céus e nova terra são diferentes da realidade do mal.<sup>15</sup>

Isso tudo já pesa no sentido de se fazer tentativas para resolução acerca do problema. A Teologia ainda não tem respostas para todas as questões que pululam nas mentes das classes sociais, e uma vez que se deixa de refletir sobre os problemas existenciais, certamente haverá uma piora. Uma piora pode se desdobrar se houver uma constância insistente de uma não-reflexão séria sobre a realidade humana e a realidade do cosmo integrado, salvificamente. Mais pessoas alienadas estarão dentro dos umbrais de comunidades que se denominam *igreja*. Tudo isso, se o olhar estiver fixo no prisma de uma separação daquilo que Deus criou e que salvou por graça e misericórdia. Há hoje, quem professe um cristianismo que tem apenas um interesse estritamente mercantilista; que atende unicamente a pressupostos intensamente pessoais e subjetivos, de modo fechado.

Com o intuito de impedir alguma derrocada teológica, há vozes proféticas que se levantam; há quem esteja se esforçando para construir canais de abertura, no sentido de uma comunicação teológica que rume a uma prática transformadora e que cause mudanças, no sentido de se ter uma sociedade mais justa e provida de amor fraterno. É preciso fazer memória, que significa não repetir um passado, nem assegurar uma linha de pura continuidade.<sup>16</sup>

O ponto seguinte apresenta as dificuldades existentes, para uma reflexão, porque passa mesmo pelo crivo de uma situação relacional. Por isso, é necessária a existência de uma reflexão séria, que possibilite uma prática de obediência aos ensinamentos da Sagrada Escritura e da tradição teológica integradas nos contextos sócio-religioso e sócio-político.

### 2.2.2

#### As dificuldades de uma reflexão relacional

No campo das relações e reflexões hoje, mais do que em outros tempos, talvez seja o tempo em que mais dificuldades existam para se entender a *Criação e a Salvação* como bênçãos de Deus que devem se propagar na existência

<sup>15</sup> Id. GISEL, P. Um salut inscrit em création. In: **Création e Salut**, pp. 121-161.

<sup>16</sup> GISEL, P. La mémoire comme structure théologique fondamentale. In: **Revue de Théologie et Philosophie**, Vol. 125. Genève: Lausanne-Neuchâtel (1993), p. 67.

humana, bem como no cosmo. Os conflitos que surgiram e surgem são produtos da desagregação do homem em relação ao seu Criador e, concomitantemente, do seu próximo e da própria criação.

Em relação à Bíblia a perspectiva presente e fortemente acentuada no Antigo Testamento é a *fé no Deus Criador*. Essa fé deve ser vivida a serviço do Deus salvador-libertador. Assim, se encontra uma real natureza de fé que deveria ser colocada em prática, pois o que interessa é a relação de Deus com o homem concreto em sua história e não o homem considerado um fim em si mesmo. Deus está no centro da realidade toda do homem e da história. Quando se pensa em Deus se pensa também nas relações com os seres humanos, pois se Deus é ser relacional, ele criou o homem e a mulher para serem segundo o que ele é em suas relações.<sup>17</sup>

É nesse nível que se encontra a dificuldade no existencial-humano: a quebra da relação que Deus estabeleceu após criar o mundo e a própria natureza. O que se tem mais presenciado é a quebra daquilo que Deus estabeleceu, destarte, as conseqüências se desdobram sob toda sorte de males sociais. É preciso lembrar que o homem, como criatura de Deus, criado à imagem do Criador, é convidado a receber essa positividade e habitar a realidade da criação. Ele a tem como um lugar de prova. Sua identidade vai se lançar nela: seu ser na vida e para a vida, diante de Deus ou sua secreta instalação; numa ordem de morte, levada para a morte e portador da morte (Gênesis 3).<sup>18</sup> A maneira de se viver a realidade, onde se concretizam a verdade ou a mentira, a vida ou a morte diante de Deus, há de colocar o ser humano diante de uma posição: receber a criação como dom, pois a criatura não é a origem em si mesma da realidade criada. O modo verdadeiro de agir é se colocar fora da idéia ilusória do “Vós sereis como Deus” (Gênesis 3.5). De outro modo, contrário, perde-se a criação como oferta aqui e agora.

Constatando-se de fato uma dificuldade, como tentar a superação desse desvio? Como vencer o antropocentrismo? Antes de algumas pistas serem abordadas, é de profunda importância refletir que se vive numa realidade de não-salvação e que somente em Deus, pode o homem ser reconduzido ao seu destino original. No Antigo Testamento o Deus salvador abriu um futuro novo ao povo

<sup>17</sup> Remete-se o leitor à obra de GARCIA RUBIO, A. **Unidade na Pluralidade**. São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 92-140.

<sup>18</sup> Cf. GISEL, P. Un salut inscrit en création. In: **Création et Salut**, p. 124.1989.

eleito, de realização e de promessas, mediante uma *aliança*. Deus cumpriu a promessa, por exemplo, de dar a Terra Prometida a Israel. Apesar de toda a rebeldia do povo contra Moisés, e posteriormente a restauração profetizada pelos profetas, Deus sempre exerceu a sua misericórdia, não obstante à infidelidade do povo. Por isso, a visão da história da salvação é novamente otimista, porque Deus é o que reconduz o povo à felicidade.

As dificuldades de uma reflexão relacional sobressaem quando o homem tenta manipular Deus. Sobre a transcendência, na qual Deus já é conhecido, ainda que de forma atemática e sem conceitos, não se deve conceber como conquista, efetuada por próprias forças do homem, do conhecimento de Deus e, em consequência, de Deus mesmo.<sup>19</sup> Há uma limitação humana para falar de Deus e para tentar compreendê-lo.<sup>20</sup>

Não se deve deixar de refletir acerca de dificuldades que foram inseridas na mente do homem de todos os tempos pós-queda. Uma vez refletidas podem ser combatidas<sup>21</sup> pela reflexão teológica sincera, e que tenha seus horizontes abertos ao diálogo. Tem de haver uma relação entre o que se crê e o que se vive, para que seja gerada uma autoconsciência que viabilize crescimento, progresso.

Os tipos de relações que são necessárias para a autoconsciência do ser humano já foram amplamente tratadas pela antropologia teológica, e que podem ser vistas da seguinte forma: A relação para com Deus; a relação para com os animais; a relação inter-humana; e, a relação com a terra e o campo.<sup>22</sup>

### 2.2.3

#### Articulações de dissociação

Dentro de um diagnóstico teológico-sistemático, se faz necessário verificar, ainda que de modo conciso, uma análise sobre as características e aspirações do homem moderno, porque a Teologia precisa assumir responsabilidades em relação à Bíblia e sua mensagem, no horizonte histórico em que está inserida. A tarefa

<sup>19</sup> Sobre esse tema, remete-se à obra de RANHER, K. **Curso Fundamental da Fé**. [Tradução: Alberto Costa]. São Paulo: Paulus, 1989, p. 76.

<sup>20</sup> *Ibid.*, pp. 223, 224. É preciso atentar bem para as palavras de K. Ranher.

<sup>21</sup> Sobre isto é de bom alvitre refletir sobre o texto de Gn 4.7: “Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo.”

<sup>22</sup> Cf. GARCIA RUBIO, A. **Unidade na Pluralidade**. São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 92-140.

fundamental da Teologia é estabelecer uma clara sintonia entre a mensagem da salvação, de um lado, e as instâncias, a mentalidade, a visão das coisas, a linguagem, os problemas humanos de determinado momento histórico e de um dado ambiente cultural, de outro. A finalidade de toda pregação, assim como de toda a Teologia é aproximar o Evangelho do mundo moderno, onde sempre volta a situar-se. Já no Século I, quando o Evangelho fazia sua entrada no mundo, a missão dos apóstolos foi a de pregar o Evangelho, que era um corpo estranho para o homem daquele tempo – escândalo e loucura (1 Coríntios 1.23) e de tal modo que este conseguisse compreendê-lo. Mas, a cada século o mundo se transforma e, ademais, as missões trazem constantemente para o cristianismo novos territórios de culturas diversas, e o problema permanece sempre aberto. Cada época deve, portanto, formular de novo a profissão de fé, e a teologia entrar em confronto com o mundo particular ao qual se dirige.<sup>23</sup>

Uma rápida análise é feita a seguir, acerca de uma visão panorâmica das **características do homem moderno:**<sup>24</sup>

### **Um homem em estado de mutabilidade**

O homem moderno é instável e mutável. Tudo isso, porque a sociedade ocidental, durante os últimos séculos, foi arrastada por um furacão de mudanças. As mudanças ocorrem, praticamente, em todos os níveis da experiência humana, e de modo extremamente rápido.

### **Um homem com uma postura polarizada por um antidogmatismo**

Há a hostilidade contra qualquer forma de verdades, princípios, normas absolutas. O homem moderno é antitradicional, e a partir do Iluminismo, tornou-se cada vez mais rebelde a aceitar qualquer afirmação ou verdade.

<sup>23</sup> Sobre esse aspecto cf. CULLMANN, O. O vero e falso ecumenismo, Morcelliana. Bréscia: 1972, pp. 37-38. In: MONDIN, B. **Antropologia Teológica**, p.45.

<sup>24</sup> MONDIN, B. **Antropologia Teológica**. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 45-72. “As características e aspirações do homem modernas” inseridas foram tomadas de empréstimo dessa obra de referência, uma vez que seu autor traz a lume o que é bem atual, e aquilo que se percebe na experiência do cotidiano, numa experiência marcada por articulações que dissociam o humano e a criação. É uma análise que combina bem com o pensamento de Pierre Gisel.

## **Um homem com uma existência caracterizada pela liberdade**

O homem moderno considera-se essencialmente livre: liberdade é o seu próprio ser. Ele não se considera heterônomo, mas autônomo, dentro de todos os seus padrões de ação, em todos os níveis do seu existir.

## **A marca da liberdade do homem moderno é a secularização**

De um lado a secularização admite não fazer Deus intervir na explicação do universo e nos acontecimentos que dizem respeito ao mundo e ao homem; de outro lado, procura dirigir o próprio empenho e preocupações decididamente para o mundo, para o século, para as realidades terrestres, cuja beleza, grandeza e valor já aprendeu a apreciar. O homem moderno sente-se maduro, adulto.<sup>25</sup> Aprendeu a fazer tudo por si, a governar-se sozinho, a resolver os problemas sem recorrer a um ser superior. O homem moderno é freqüentemente o homem de um mundo sem Deus e de um Deus sem mundo, sem criação, sem acabamento.<sup>26</sup>

## **Todo o empreendimento marcado por forte pragmatismo**

O homem moderno tornou-se prático: é conduzido para a ação. O que o atrai e absorve completamente é o fazer, produzir, trabalhar. Não encontra mais tempo para pensar, meditar, contemplar, e, sobretudo, isso não mais o interessa.

## **Uma realidade revestida de historicidade**

O homem moderno é histórico: tem muito vivo o sentido da história. Para ele a realidade está em contínuo movimento e nunca tem nada de definitivo e estável, nada de duradouro além de certo limite, limite este que tende a encurtar cada vez mais. Essa característica é um privilégio, mas talvez, um fardo.

<sup>25</sup> Recomenda-se uma atenção especial ao que escreveu MIRANDA, M. F. **Um homem perplexo. O cristão na sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992, p.5. O teólogo em sua obra, preocupado com essa situação hodierna, afirma no prefácio que os valores que dão estrutura à vida cristã de cada dia são hauridos da cultura moderna, marcada fortemente pela exaltação do fator econômico, pela busca de bem estar, pelo anseio de sucesso a todo custo. As preocupações mais profundas ficaram soterradas por essas preocupações de “stauts” consumista. Somente se recorre a Deus em momentos de dificuldades.

<sup>26</sup> GISEL, P. Création et Eschatologie. In: **Iniation à la pratique de la théologie. Dogmatique II**, p. 618. Paris: Cerf, 1993, p. 618.

### **Um certo modelo de antimetafisicismo que produz quantidade**

Ao homem moderno só interessam os resultados: é realista e pragmático.<sup>27</sup> Não apela ao transcendente. Somente acredita na potencialidade do elemento racional, fugindo do temor de uma divindade criadora e sustentadora da vida.

### **Projetos e idéias focalizadas sob o prisma de uma utopia**

Seguro de si, possuidor de técnicas cada vez mais perfeitas, desfruta tanto de modo sempre mais eficaz dos recursos da natureza e capaz de controlar a marcha da história, o homem de hoje faz grandes e ambiciosos projetos para o futuro; propõe metas altíssimas, onde não haverá mais miséria, nem injustiça, nem ignorância; nem doenças, nem discriminações, nem privilégios; mas onde será construída uma sociedade perfeita que tornará todos plenamente felizes.

### **Uma luta que tem como objetivo a socialização**

Todos hoje lutam e empenham seus esforços por uma solidariedade. A socialização tem assumido nos últimos anos porções cada vez mais vastas: de nacional tornou-se primeiro internacional, depois intercontinental e assume agora dimensões planetárias. Uma socialização que gera **anonímia** e **massificação**. A socialização conduz muitas vezes à massificação e à anonímia. Ao mesmo tempo em que há uma socialização, por outro lado o indivíduo some na massa.

### **Uma existência desprovida de orientação**

O homem moderno é desorientado e inseguro: perdeu qualquer princípio seguro de orientação e não mais consegue achar parâmetros válidos para fundamentar seus próprios julgamentos. Destarte, o homem moderno está em crise profunda. Ele não sabe onde está o bem e onde está o mal, nem em que critério confiar.

### **Uma experiência marcada por alienação e opressão**

O homem moderno, não obstante a tanto progresso, encontra-se mais do que nunca sob o peso enorme e insuportável de uma capa opressiva. Ele é oprimido muitas vezes pelas necessidades mais elementares: pela fome, sede, miséria; é

---

<sup>27</sup> Cf. MONDIN, B. *Antropologia Teológica*, ibid., p. 45-72.

oprimido e obcecado pelo sexo, transformando em ídole que o tiraniza cada vez mais; é oprimido por uma série infinita de necessidades supérfluas que se lhe afiguram indispensáveis através de uma propaganda astuciosa.

### **Voz que ecoa através de uma postura contestadora**

Neste estado de opressão, o homem de hoje, mais do que nunca, tem consciência da necessidade de libertação. Daí a contestação maciça da sociedade atual em todos os seus aspectos e estruturas. Daí também, as inúmeras propostas de reforma e de revolução.

### **Resultados de uma experiência com uma percepção insolúvel: perversão e frustração**

O homem moderno tornou-se escravo dos próprios instintos: egoísmo, prazer, inveja, sensualidade, mentira, avidez, fraude. Recorre a qualquer meio para satisfazer suas múltiplas paixões.<sup>28</sup>

Diante do exposto, é preciso atentar para o ser humano por inteiro, que exerce a função de sujeito hermenêutico da Palavra de Deus, daí a necessidade da Antropologia Teológica. Esta verdade mostra a importância e a necessidade para o teólogo, no sentido de elaborar uma antropologia que não se limite a elucidar fenomenologicamente alguns fragmentos do ser humano, mas tenha, de maneira equilibrada, exercitar uma reflexão que compreenda uma integridade.

Uma vez que se compreende e se apreende a consciência de integralidade, o interesse científico deste trabalho é fazer que a Teologia dialogue com a Antropologia, segundo uma investigação com base nos escritos de Pierre Gisel, pois suas obras, em muito, tem para contribuir e para fazer uma articulação entre *criação e salvação*, de forma mais aprofundada, uma vez que os resultados dos pontos apresentados anteriormente são desastrosos para a vida humana, e concomitantemente para o cosmo. Para que isso seja evidenciado, se configura uma esperança que se acha arraigada no mais íntimo do cristianismo e de sua mensagem, no sentido de se poder construir um mundo melhor.

---

<sup>28</sup> Cf. *ibid.*, MONDIN, B. **Antropologia Teológica**, pp. 45-72.

## 2.2.4

### Interpretações dualistas da criação e da salvação no cristianismo

Abaixo seguem algumas das principais interpretações dualistas, que geraram reflexões negativas, e que continuam agindo para uma dissociação entre criação e salvação; entre o humano e o mundo; entre o humano e sua própria estrutura.

#### O gnosticismo

Movimento sincrético que inquietou o mundo e principalmente o cristianismo no primeiro e segundo séculos da era cristã. É um movimento que se apresenta com interesses filosóficos, revestido de monumentos bizarros, incoerências, mitos estranhos e outras atitudes. Tem como parte fundamental a *gnose*, que se traduz pelo conhecimento total, incomensuravelmente superior à fé e à razão. Tem a pretensão de ter a sabedoria primordial original das diversas religiões particulares.<sup>29</sup>

Esse movimento filosófico foi reatado do Egito, da Babilônia, do Irã, das religiões de mistério do mundo mediterrâneo, da filosofia grega,<sup>30</sup> do judaísmo de linha esotérica vindo da Índia.<sup>31</sup> Sob essas influências o cristianismo sofreu intervenções, as de linha dualista posteriores, produzindo-se uma forma de pensar maniqueísta, atingindo o homem e também o próprio mundo. As pretensões foram, de certa forma, mediante um tipo de religiosidade, como uma atitude existencial característica desse próprio movimento. Aberrações surgiram, formando uma mentalidade cristã deturpada em relação às origens da criação.

Dentro das atitudes gnósticas destaca-se o conhecimento salvífico. O próprio vocábulo *gnosis* significa simplesmente conhecimento. A *gnose*, condição dos iniciados, se apõe à *pistis* (crença) dos simples fiéis. É uma revelação secreta e misteriosa. Sua força conseguiu influenciar cristãos nas vias misteriosas dos ensinamentos secretos, por exemplo, segundo eles, dados por Jesus a seus discípulos. Essa *gnose* transmitiu sempre a necessidade de uma salvação

---

<sup>29</sup> Cf. a obra de HUTIN, S. **Les gnostiques**. Paris: Presses Universitaires de France, 1958, pp. 5-103 e o artigo de GISEL, P. **Le Gnosticisme**, 14p. In: Clim to the Stars! (Stephanie Booth) - Ecriture (Le Gnosticisme). Disponível em [www.tellme@climtothestars.org](http://www.tellme@climtothestars.org)

<sup>30</sup> Harnack définissait la gnose: "L'hellénisation extrême du christianisme." In: HUTIN, S. **Les gnostiques**, p. 7.

<sup>31</sup> Ibid., HUTIN, S. p. 7.

individual. Era preciso ter um tal conhecimento, uma iluminação superior. Destarte, superior aos demais elementos da criação. Um conhecimento que em si abraça o homem, o cosmo e a divindade. Não é por fé e nem por obras que o homem é salvo, mas por esse conhecimento filosófico-religioso.<sup>32</sup>

Se os gnósticos se salvam por um tipo de conhecimento, o que é preciso fazer para se obter essa salvação? A resposta à pergunta envolve toda a dificuldade de se aceitar o gnosticismo e declarar que este teve uma influência negativa no cristianismo. O que postula o gnosticismo?

Em primeiro lugar, o homem é prisioneiro de seu corpo. O gnóstico considera o corpo como uma prisão. É algo negativo, por aprisionar a alma. Negativo, no sentido de repugnar a sexualidade (desejo sexual, união, concepção, nascimento). Repugna todos os eventos da vida corporal. O corpo é uma coisa estranha; é comparado a um cadáver, um campo indesejável; um intruso, um adversário; um dragão devorador.

Em segundo lugar, o homem como prisioneiro de sua alma inferior. Segundo esse ensino, o homem tem duas almas: uma alma celeste que é sua; e outra, alma inferior tomada pelos demônios.

Em terceiro lugar, o homem como prisioneiro do mundo. De onde vem o mal? Por que o mal? O mundo é lugar da morte, do sofrimento, do mal. Os gnósticos são ameaçados pelo Deus que criou a matéria ou o princípio malvado, distinguindo-se de um Deus transcendente, estranho ao mundo e absolutamente bom. O Deus criador do mundo é um inimigo, pois criou o mundo e o corpo. O mundo é um lugar de trevas exterior, hermético por um grande mar ou muro. Assim, é preciso haver a libertação, porque o universo é inteiramente mau.

Em último lugar, o homem como prisioneiro do tempo. O tempo também é mau, é fonte de toda angústia. A *gnose* se coloca em paralelo ao ensino do tempo cíclico, em oposição ao conceito cristão de um tempo linear, que se desenvolve irreversivelmente desde a criação. O tempo para os gnósticos é em si insuficiente; é originado de um desastre, de uma deficiência, de uma dispersão de uma vida que era integral em sua plenitude. Sendo assim, o gnóstico aspira por um tempo que virá e terá a sua plenitude, do *Aiôn*, do ser eterno, de seu ser pleno.

---

<sup>32</sup> HUTIN, S. pp. 13-23.

Sendo o homem um prisioneiro do mundo, significa que ele foi jogado do lado de dentro deste grande muro. Assim, “nós não somos deste mundo”, somos estranhos dentro dele.<sup>33</sup> Logo, a parte superior do ser humano é um princípio divino em exílio, mas que por um ato de conhecimento, ele pode voltar à suas origens primeiras. Mas como essa tal dualidade é possível? Como o gnóstico pode ser salvo? É preciso atentar para a soteriologia gnóstica.

A soteriologia gnóstica ensina que existem dois mundos. O mundo criado e o mundo desconhecido. O Deus criador é o Deus desconhecido. O Demiurgo é esse Deus criador, o mestre deste mundo que ama o sangue; ele governa o mundo criado. O autor do mal não é a Divindade suprema, mas um *deus inferior*, maldito. Logo, é preciso se libertar daquilo que oprime, a matéria, pela gnose, esse conhecimento esotérico, essa luz que alguns podem possuir.<sup>34</sup> O problema para o gnóstico é como salvar a sua alma, que é uma parte divina, e que poderá retornar às regiões superiores de onde ela saiu. A luz divina recuperará o ser autêntico do homem e o devolverá à sua origem.

Segundo essa doutrina a criação do homem é um problema grave, porque não é considerada uma obra divina. A matéria, a corporalidade não é boa, assim o maniqueísmo toma conta da situação que tenta inverter a boa criação de Deus. Origina-se uma antropologia extremamente pessimista: o homem foi formado por demônios.<sup>35</sup>

### **O dualismo também é evidenciado por uma linha maniqueísta**<sup>36</sup>

*Dualismo.* Haveria duas raízes em existência, separadas, em conflito e irreconciliáveis. Uma dessas raízes é a *luz*, que resulta no reino da paz e da bondade. Seu dirigente é o diretor dos espíritos. A outra raiz são as *trevas*, um reino de turbulência e maldade, e seu governador e seus espíritos são seres maliciosos e maus. Esse reino controla a matéria, pelo que tanto é mundano quanto

---

<sup>33</sup> Cf. APÓCRIFOS E PSEUDO-EPÍGRAFOS DA BÍBLIA. São Paulo: Novo Século, 2004, em **O Primeiro Livro de Adão e Eva**, XXVI, 17, consta: “Então, após ouvir de Deus estas palavras, Adão e Eva adoraram-no, e seus corações consolaram-se. Eles voltaram para caverna, segundo seu hábito, enquanto lágrimas corriam de seus olhos, tristeza e lamentações vinham do coração e eles desejavam ardentemente que a alma lhes deixasse o corpo.” Eis o problema gnóstico: a alma deixar o corpo, como libertação da grande prisão. Além do dualismo entre Deus e Satã, contém nesse livro o dualismo alma x corpo.

<sup>34</sup> Ibid., HUTIN, pp. 26-44.

<sup>35</sup> Ibid., HUTIN, pp. 52-56.

<sup>36</sup> Cf. a contribuição de HUTIN, pp. 104-108; também de CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. Mani e o maniqueísmo. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 4. São Paulo: Candeia, 1995, pp. 57-58.

diabólico. Deus é eterno, mas Satanás (o contradeus) foi produzido por elementos tenebrosos. Originalmente, esses dois reinos existiam separados. Mas, finalmente, entraram em choque. Infelizmente, agora achamo-nos envolvidos nesse conflito, Deus produziu o homem primevo, como um aliado para ajudá-lo nesse conflito. Porém, o homem primevo foi derrotado por Satanás. Nosso mundo atual foi formado por poderes celestiais derivados do caos resultante da mistura da luz com as trevas; e isso explica por que o mundo está em estado de confusão, e por que motivo nos vemos a braços com o *problema do mal*.<sup>37</sup>

Quando se pensa acerca de dois reinos que estão em guerra, o *bem* contra o *mal*, sempre é trazido à memória o dualismo maniqueísta. É algo que está entranhado em conteúdos de algumas idéias de uma forma geral. Não é raro observar essa forma de pensar, através da linguagem e de atos de pessoas. Bem como também nos meios de comunicação de massa; até mesmo em programas de educação. Os programas de TV, sob um certo estereótipo, denominados evangélicos, e até mesmo em certas liturgias, essa idéia está penetrada de modo profundamente espiritualizante, chegando a gerar neuróticos espirituais.

Qual a origem do maniqueísmo? Para se entender essa postura dualista, é preciso verificar o seu surgimento no Século III d.C. Mani, considerado como o *Paráclito*, o último dos profetas, o *profeta final*, nasceu em 14 de abril de 216, na Babilônia. Alguns o chamavam de o último dos gnósticos. Foi um sábio persa que fundou uma religião no século III d.C., que durante algum tempo, se tornou rival do cristianismo.<sup>38</sup> Sendo o *Enviado de Deus*, tem um significado muito especial: o Espírito divino nasceu em Mani.<sup>39</sup> Destarte, considerar que o maniqueísmo seja uma heresia ou uma maneira corrompida do cristianismo é desconhecer profundamente a Sagrada Escritura e a crença da Igreja.

O maniqueísmo era uma religião independente. Ganhou amplitude nos séculos IV e XII d.C., distribuída desde a parte ocidental da França até o leste da costa da China, lugar em que Marco Pólo encontrou comunidades maniqueístas, nos fins do Século XIII d.C. Nessa religião a ênfase era dada no batismo e nas purificações rituais. O pai de Mani, Patek, originário de Hamadã, era um visionário ativo da seita. Sua mãe, Maryam, pertencia à dinastia dos Arsacides, restauradores do *masdeísmo*, uma religião iraniana que viera à existência por volta

<sup>37</sup> Ibid., CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. Mani e o maniqueísmo. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 4, p. 57.

<sup>38</sup> Ibid., CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M., p. 57.

<sup>39</sup> Cf. HUTIN, S. **Les gnostiques**, pp. 104.

do Século IV a.C. e que substituíra o zoroastrismo. Mani falava aramaico e conhecia bastante a língua persa para compor seus escritos. Com cerca de doze anos de idade começou a ter experiências místicas. Ele estava certo de que tinha sido escolhido pela divina providência para ser cumpridor de uma missão especial na terra. Aprisionado, Mani, o profeta, em 26 de fevereiro de 277 d.C., foi executado, após perseguições ferrenhas contra a sua seita.

Algumas posturas do *maniqueísmo* que corroboraram para haver uma dissociação, em termos da problemática que envolve a criação e a salvação, com implicações para o discurso atual no campo teológico:

*Um Deus que se revela aos homens.* Deus é um Deus teísta. Deus se revelou a Mani e ele era um instrumento especial dessa revelação. Ele era o prometido *Paráclito*.<sup>40</sup> Hoje, se percebe também essa prática em alguns segmentos religiosos, onde há pessoas que se consideram especiais, mesmo no seio até mesmo de igrejas cristãs. Assim, subtrai-se da Igreja, por exemplo, enquanto comunidade, o que consta no Novo Testamento, com base no Antigo Testamento, a natureza de ser o povo eleito:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daqueles que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia (1 Pe 2.9-10).<sup>41</sup>

*Mani: o último e o maior dos servos escolhidos por Deus.* Escolhido à semelhança de Buda, Zoroastro e Jesus, mas maior que estes. Esta é a tentação que mexeu com a mente de muitos líderes religiosos. Certamente, ainda continua borbulhando hoje. Isto significa idolatria: querer o homem assumir o lugar de Deus.

*Abstenção radical.* Os verdadeiros eleitos são os que se abstêm de carne, de qualquer ato de morte, de animais e plantas e que nunca têm relações sexuais.

*Duas realidades em conflito.* Duas raízes que existem e que são irreconciliáveis. Uma é a *luz*, que resulta do reino da paz e da bondade, cujo

---

<sup>40</sup> Ibid., CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. Mani e o maniqueísmo. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 4, p. 57-58.

<sup>41</sup> A BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. **1 Pedro 2.9-10**. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.-

diretor é o que rege os espíritos. A outra são as trevas, um reino de turbulência e maldade, e seu governador e seus espíritos são seres maliciosos e maus. Esse reino controla a matéria, é diabólico. Existe uma rivalidade entre Deus e Satã. Originalmente, essas duas raízes eram separadas, mas finalmente, passaram a se chocar. Assim, a humanidade agora se acha em conflito neste mundo. Deus criou o primeiro homem como um aliado para ajudá-lo nesse conflito, mas este foi derrotado por Satanás. O mundo que a humanidade habita foi criado por poderes celestiais derivados do caos que resultou da mistura da luz com as trevas, por isso o mundo está conturbado. Segundo esse ensino, não pode haver nenhuma relação de reciprocidade entre a realidade criada e o sujeito desta. Pode-se esperar algo de bom?<sup>42</sup>

*A soteriologia do maniqueísmo.* Se há dois reinos contraditórios, absolutamente irreconciliáveis, como homens podem ter esperança? Somente pela separação dessas duas forças. São considerados os esforços e atos humanos. Quando se pratica o mal, o poder das trevas é aumentado. Quando se faz o bem, o poder da luz é aumentado. Destarte, quanto mais o bem for praticado, mais será separada luz das trevas. Para que essa realidade se configure, Mani estava convicto de que os homens deveriam tornar-se espiritualizados.

*Jesus na visão maniqueísta: um grande profeta.* A postura maniqueísta sobre Jesus tem a intenção de afirmar se ele teria sido um grande profeta. Jesus teria se manifestado para reverter a obra de Satanás. Essa era a sua grande missão. Advertiu aos homens e às mulheres contra o sensualismo, constituído a mais poderosa arma do reino das trevas. Afirma essa postura que a obra de Jesus teria sido completa com sucesso, mas não se concretizou. Assim, outros profetas foram enviados em vista da ação incompleta de Jesus. O *Parácleto* Mani foi encarregado da última e maior missão, no sentido de realizar o que Jesus não pode fazer de forma completa e definitiva. Em vista deste absurdo, considera-se o *maniqueísmo* uma das articulações de dissociação, referente à criação e salvação, porque reduz a cristologia a um evento incompleto e destituindo a mediação única de Jesus Cristo.

---

<sup>42</sup> Ibid., CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. Mani e o maniqueísmo. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 4, p. 57-58.

*Sobre a responsabilidade humana através de uma vida ascética.*<sup>43</sup> A fim de derrotar o mal, os homens fazem bem quando vivem como ascetas. A vida está inserida numa guerra espiritual, e assim, precisam os homens entrar nela, espiritualmente preparados. Aqueles que não levam a sério a sua existência ascética, brincam em vez de guerrearem, e são sempre derrotados. O impedimento se dá por qualquer modalidade de idolatria, impureza de vida e desinteresse. A guerra que se empreende contra o mal envolve o ser humano de forma integral. Envolve tanto o que é, quando o que diz, o que pensa e o que realiza.

A comunidade dos *Maniqueus*, constituída dos eleitos, verdadeiros combatentes na luta contra o mal, dos verdadeiros ascetas, luta sério contra Satanás. Essa luta visa o processo de separação do bem em relação ao mal. As pessoas tornam-se separadas. Os *ouvintes* da mensagem do maniqueísmo seguem seus ensinamentos, mas que não vivem uma existência ascética. Ainda, existem os *aderentes*, que são aqueles que mesmo interessados na fé, não assumem responsabilidades mais sérias. Eles ainda estão procurando verificar a situação de discipulado.

#### Curiosidades entre os maniqueus:

Os eleitos entre os maniqueus não podiam matar qualquer coisa, nem mesmo a vida vegetal. Por essa razão, os *ouvintes* tinham de apanhar frutas e fazer colheitas (causando a morte das plantas), a fim de suprirem alimentos para os *eleitos*. Os *ouvintes*, por sua vez, podiam matar plantas, mas não animais. Quem fosse *maniqueu* nunca ingeria carne. Os *ouvintes* também podiam casar-se. Mas os *eleitos* nem se casavam e nem possuíam propriedades. Essas coisas só servem para desviar a atenção da vida espiritual.

*Por ocasião da morte*, os eleitos ascendem mediante a *coluna da glória*, avançando de uma condição para outra, a caminho da glória final, que é atingida no Reino da Luz. Os *ouvintes* precisam passar por um longo processo de purificação, se esperam tornar-se eleitos. As almas dos ímpios nunca se deixam atrair pela causa. Bem pelo contrário, elas são derrotadas na batalha. Ficam vagueando pelo mundo (mediante intermináveis reencarnações), até que chegue a grande conflagração mundial. Essa conflagração estender-se-á por mil, quatrocentos e cinquenta e oito anos. Então, os ímpios encontrarão seu lar no reino das trevas, com o qual insistiram em ter afinidade. Receberão, finalmente, o que vinham cultivando.<sup>44</sup>

<sup>43</sup> CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. Mani e o maniqueísmo. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 4, p. 58.

<sup>44</sup> *Ibid.*, CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M., Vol. 4, p. 58.

Como se percebe, o *maniqueísmo* tem um caráter profundamente *gnóstico*. Essa postura tem implicações separatistas no coração da criação. As suas articulações estão presentes no coração da sociedade, não possibilitando haver uma integração em nível protológico-soteriológico, numa dimensão de desenvolvimento que possa atingir uma correta antropologia teológica de modo integral.

### No campo divisionista segue-se o cartesianismo

Se no contexto de expressão religiosa foi desenvolvido o pensamento separatista no seio da criação, permitindo uma reflexão e experiências centralizadas no dualismo maniqueísta, com uma base profundamente gnóstica, por outro lado, no horizonte científico, tornou-se caracterizado pela divisão denominada “cartesianismo”,<sup>45</sup> surgindo, portanto, um platonismo moderno.

Qual é o sentido real da tão conhecida oração *Cogito, ergo sum*?<sup>46</sup>

Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> Id., CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M., *Cartesianismo*, Vol. 1, p. 660. Esse termo está baseado no nome de Renatus Cartesius, forma latinizada do nome de René Descartes. Refere-se a todas as filosofias inspiradas pelos métodos e pressupostos de Descartes, Spinoza e Malebranche. E também aos ocasionalistas, e mais geralmente, a qualquer sistema que enfatize a mente humana aberta para a realidade, a exatidão matemática no campo da metafísica, e o dualismo mente-corpo ou interacionismo. As demonstrações da existência de Deus, segundo esse sistema, estão vinculadas aos argumentos *a priori* de Anselmo. Um raciocínio que Descartes aprovava e utilizava. A vontade de Deus é ali considerada a razão última ou o alicerce da verdade, o que se assemelha ao voluntarismo de Ockham

<sup>46</sup> Cf. DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. In: **Os Pensadores**, p. 92; São Paulo: Nova Cultural, 1996. 431p.

<sup>47</sup> *Ibid.*, DESCARTES, R., In: **Os Pensadores**, p. 92. Ver nota bibliográfica 2, sobre o *Cogito* não ser um raciocínio, mas uma constatação de fato.

A partir dessa reflexão do tão conhecido pai da modernidade,<sup>48</sup> foram por ele tomados por base quatro preceitos fundamentais: *Primeiro* – Nada acolher jamais algo como verdadeiro que não se pudesse conhecer evidentemente como tal, no sentido de se evitar a precipitação e a prevenção. Nada poderia influenciar os juízos que não fosse tão clara e distintamente, a fim de não haver dúvida. *Segundo* – Dividir as dificuldades em parcelas quantas fossem possíveis e necessárias para uma melhor resolução das mesmas. *Terceiro* – No raciocínio científico, a ordem era conduzir os pensamentos iniciando a análise pelos mais simples e mais fáceis, pouco a pouco, até os mais compostos, sempre obedecendo a uma ordem entre os que não se prendem naturalmente uns aos outros. *Quarto* – O procedimento de em toda parte analisada enumerar completas divisões tão gerais, no sentido de nada se omitir.<sup>49</sup>

Essas cadeias da razão, segundo esse sistema, têm a natureza e o objetivo de proceder a uma verificação das partes, sem considerar o todo. Para tanto, é fundamental ultrapassar os limites do ceticismo, e buscar pelo conhecimento perfeito e uma conduta ideal, o progresso das ciências. Esse conhecimento é o da certeza matemática, que independe, portanto, dos sistemas escolásticos e dogmáticos.<sup>50</sup>

Como Descartes chegou a sua clássica frase *Cogito ergo sum*? Para ele, se existe um processo de dúvida, deve haver alguém que duvida. “Penso, logo existo”, significa que o sentido de se existir é em função do exercício da dúvida, e

---

<sup>48</sup> Cf. OS PENSADORES. DESCARTES. **Vida e Obra**, pp. 5-6; CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. Descartes, René. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 2, pp. 60-62. Descartes nasceu em 1596, conforme ata de seu batismo, em La Haye, na Touraine. Sua morte deu-se no dia 11 de fevereiro de 1650, poucos meses depois de sua chegada a Estocolmo a convite da Rainha Cristina da Suécia. Para Descartes a ciência seria também uma arquitetura com destino a abrigar o assentimento de todos os espíritos através de sua dimensão universal, alicerçada pelo trabalho de uma inteligência isolada. O espírito atento exclusivamente às exigências da razão, seria capa de conceber o plano urbanístico do conhecimento, a “cidade nova” onde todos poderiam habitar em ruas claras, de traçado perfeito porque integrado numa concepção unitária. Ele cria que tinha sido escolhido para ser o descobridor de uma ciência admirável.

<sup>49</sup> Cf. DESCARTES, R. Discurso do Método. Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. In: **Os Pensadores**, pp. 78-80.

<sup>50</sup> Cf. CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. Descartes, René. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 2, pp. 60. Descartes foi educado na Escola La Flèche, dos jesuítas, mas rebelou-se contra a educação tradicional. Viajou largamente a fim de aprender no livro do mundo. Seguiu a carreira militar por alguns anos. Retornou à escolaridade, primeiramente em Paris e então na Holanda, onde preparou a maioria de seus escritos. Inventou a geometria analítica. Alguns o têm como fundador da filosofia moderna. Abordava o conhecimento pela via racionalista, e não pela via empírica. Foi convidado pela rainha Cristina da Suécia para viver em Estocolmo e tornou-se o mestre dessa rainha quanto à filosofia. Porém, o clima da Suécia era frio demais para ele. Assim, Descartes contraiu uma enfermidade dos pulmões, do que faleceu.

a única certeza que existe é que se pode duvidar de tudo. Se há processo de raciocínio é porque a pessoa pensa. Não se pode, com isso, atacar Descartes, porque em seu tempo os cétricos duvidavam da própria existência do ser, supondo que a única coisa que pode ser afirmada é que somente há uma série de fenômenos.

O sistema cartesiano é divisionista porque herdou o dualismo platônico. Se o raciocínio não é conduzido pelos sentidos, mas pela lógica da matemática, para provar que realmente algo existe de fato, há portanto uma negação da realidade empírica. Desta forma, foi sendo gerada uma crise de percepção na sociedade.<sup>51</sup> As pessoas vivem de maneira tão fragmentada, que não percebem o que está acontecendo no mundo. Isto tem um significado que demonstra o funcionamento de uma situação mecanicista, onde se vê o homem e o mundo como máquinas. Assim, se perde a percepção da realidade holística.<sup>52</sup> Essa falta de percepção conduz o homem a tratar apenas de partes sem uma verificação no conjunto, no todo.

Há uma real ameaça, que pode produzir a extinção da raça humana e de toda a vida no planeta terra.<sup>53</sup> Estando a sociedade com perda de sua flexibilidade, e, concomitantemente, vão sendo geradas algumas desintegrações com proporções cosmológicas, de indivíduos, governos ou instituições sociais, acompanhadas de uma desarmonia entre os elementos, desencadeando rupturas sociais e ecológica em alta escala.<sup>54</sup>

A cultura ocidental tem como fundamento o enunciado tradicional cartesiano: *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo). O pensamento racional é a evidência máxima que comanda a identidade do indivíduo ocidental. A divisão

<sup>51</sup> Sobre este assunto cf. a obra de CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2003<sup>24</sup>. 447p.

<sup>52</sup> Ibid., CAPRA, F., p.13. O termo “*holístico*”, do grego “*holos*”, “totalidade”, refere-se a uma compreensão da realidade em função de totalidade integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores (Nota do Tradutor).

<sup>53</sup> Ibid., CAPRA, F., pp. 19-26. Esse cientista procede a uma reflexão sobre a crise instalada no mundo. A ameaça pelas armas nucleares, o que se gasta em abundância e o descaso para com a saúde das pessoas e do planeta. A multiplicação de doenças da mente e do corpo. A ausência de ideais. Os problemas são sistêmicos e não podem ser entendidos no âmbito da metodologia fragmentada que é característica de nossas disciplinas acadêmicas e de nossos organismos governamentais. Os problemas do mundo são interdependentes, interligados.

<sup>54</sup> Ibid., CAPRA, F., p. 30.

mente e corpo<sup>55</sup> é projetada na cultura, de forma profunda. Essa situação pode ser analisada da seguinte forma:

“Penso, logo existo” -, o que encorajou eficazmente os indivíduos ocidentais a equiparem sua identidade com sua mente racional e não com seu organismo total. Veremos que os efeitos dessa divisão entre mente e corpo são sentidos em toda a nossa cultura. Na medida em que nos retiramos para nossas mentes, esquecemos como “pensar” com nossos corpos, de que modo usá-los como agentes do conhecimento. Assim fazendo, também nos desligamos do nosso meio ambiente natural e esquecemos como comungar e cooperar com sua rica variedade de organismos vivos.<sup>56</sup>

A visão do mundo como máquina requer o estudo de suas partes. Da mesma maneira acontece com o homem. Descartes sempre se refere a “máquina do nosso corpo”.<sup>57</sup> Os elementos, segundo a divisão espírito e matéria geraram as concepções mecanicistas, que refletem as partes separadas, e que são reduzidas a seus componentes materiais. Essa visão cartesiana influenciou e tem influenciado as ciências, bem como a muitos aspectos da existência humana.

A própria reflexão teológica também foi influenciada pelo sistema cartesiano, produzindo-se uma antropologia fragmentada. Sobre o homem, surgiram concepções divisionistas, como por exemplo: *Dicotomismo* e *Tricotomismo*.<sup>58</sup> Assim, nos círculos cristãos se costuma afirmar que o homem é composto de duas partes diferentes: corpo e alma (dicotomia). Outra, já desenvolveu uma esfera tripartida do homem (tricotomia), sendo este composto de corpo, alma e espírito. Essa tricotomia teve sua herança na filosofia grega.

A concepção tripartida do homem, considerando a sua origem na filosofia grega, sugere não conceber a relação entre o corpo e o espírito do homem, segundo a analogia da relação mútua entre o universo material e Deus. Para haver uma relação mútua é preciso uma terceira substância intermediária: a alma. A

<sup>55</sup> Cf. DESCARTES, R. As Paixões da Alma. Das paixões em geral e ocasionalmente de toda a natureza do homem. In: **Os Pensadores**, pp. 129-162. “Depois, também considero que não notamos que haja algum sujeito que atue mais imediatamente contra a nossa alma do que o corpo ao qual está unida, e que, por conseguinte, devemos pensar que aquilo que nada nela é uma paixão é comumente nele uma ação, de modo que não existe melhor caminho para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que examinar a diferença que há entre a alma e o corpo, a fim de saber a qual dos dois se deve atribuir cada uma das funções existentes em nós.”

<sup>56</sup> Cf. CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, p. 37.

<sup>57</sup> Cf. DESCARTES, R. As Paixões da Alma. Das paixões em geral e ocasionalmente de toda a natureza do homem. In: **Os Pensadores**, pp. 141, 142, 143, 151, 152, etc.; perpassa toda a sua obra. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

<sup>58</sup> Cf. BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. La Antocha de México, A. C. DF. Cuarta edición española (revisada), 1979, pp. 225-249.

alma era considerada uma substância imaterial por um lado; e por outro, adaptada ao corpo. Assim, a alma se apropriava do *pneuma* na relação com o corpo e se tornava imortal. Essa concepção tornou-se favorável entre os Padres da Igreja grega e Alexandrina dos primeiros séculos da era cristã.<sup>59</sup>

Sobre alguns Padres da Igreja acerca deste assunto, afirma-se que o conceito tripartido em referência ao homem se encontrou também em Clemente de Alexandria, Orígenes e Gregório de Nisa. Apolinário ao utilizar esse conceito, se chocou com a perfeita humanidade de Jesus, e por isso foi descredenciado. Atanásio e Teodoro repudiaram esse ensino de forma explícita. Na Igreja Latina os teólogos foram a favor claramente da dupla divisão da natureza humana. No Século XIX essa visão tricotômica foi revivida nos círculos protestantes em certos teólogos alemães e ingleses, como Roos, Olshausen, Beck, Delitzsch, Auberlen, Oehler, White e Heard.<sup>60</sup>

Para contrastar esses ensinamentos divisionistas anteriormente referidos, levantam-se as seguintes questões: Segundo a Sagrada Escritura, o homem é um ser divisível ou uma unidade radical? Quais premissas existem no sentido de que a Bíblia não vê o homem como um ser dividido, mas simplesmente como pessoa? Pode-se retirar da concepção veterotestamentária que o homem é uma unidade psicofísica, carne vivificada pela alma? É preciso atentar para a realidade da idéia hebraica de personalidade, em que o homem é um corpo vivente, e não uma alma encarnada.<sup>61</sup>

Uma das implicações antropológicas de forma negativa na sociedade já foi denunciada como a “noção do homem como dominador da natureza e da mulher”.<sup>62</sup> Assim, é perceptível tal domínio, promovendo desigualdades, de maneira que o homem é sempre mais forte e importante que a mulher; que o homem tem de explorar a terra, somente retirando dela, mas não cuidando da Criação. É constatado também, que havendo um certo domínio, a crença nesse papel racional superior foi apoiada e encorajada pela tradição judaico-cristã.<sup>63</sup> Este ponto é algo que a Teologia tem de pensar, pois, de certa forma, a Igreja deixou de lado muitas

<sup>59</sup> Ibid., BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**, pp. 225-226.

<sup>60</sup> Cf. BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**, pp. 226.

<sup>61</sup> Cf. ROBINSON, H. W. Hebrew psychology, In: The people and the Book, ed. Arthur S. Peake. In: ERICKSON, M. J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 230.

<sup>62</sup> Cf. CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**, p. 38.

<sup>63</sup> Ibid., CAPRA, F., p. 38.

questões importantes da existência humana, bem como as do mundo (cosmo), em termos de um não-engajamento com as dimensões da criação, o que sempre estiveram na pauta da pregação cristã.

Um outro aspecto que esse sistema dominador outorga é a ocasião cedida a um sistema educacional que produz um comportamento de auto-afirmação, onde a recompensa é a competitividade.<sup>64</sup> Ao invés de haver a cooperação, há, portanto, o sobrepujar os outros, muitas vezes às pensas da miséria das pessoas. Os indivíduos na sociedade são percebidos pelo que têm e não pelo que são. O homem é medido pelo que acumula no decorrer dos anos. Muitas vezes nem se considera a sua vida moral, ética ou religiosa. Com essas dimensões, a violência impera e a vida vai sendo reduzida. A perspectiva da era medieval sofreu uma mudança radical nos séculos XVI e XVII. E, isto foi constatado e testificado pela história da ciência como segue.

A noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como se ele fosse uma máquina, e a máquina do mundo converteu-se na metáfora dominante da era moderna. Esse desenvolvimento foi ocasionado por mudanças revolucionárias na física e na astronomia, culminando nas realizações de Copérnico, Galileu e Newton. A ciência do século XVII baseou-se num novo método de investigação, defendido vigorosamente por Francis Bacon, o qual envolvia a descrição matemática da natureza e o método analítico de raciocínio concebido pelo gênio de Descartes. Reconhecendo o papel crucial da ciência na concretização dessas importantes mudanças, os historiadores chamaram os séculos XVI e XVII de a Idade da Revolução Científica.<sup>65</sup>

Essa idéia está bem fundamentada na filosofia de Descartes, conforme o seu “*Cogito ergo sum*” que passou a privilegiar a mente em detrimento da matéria. As duas como separadas; portanto, diferentes. Uma mais poderosa do que a outra. Este ensino marcou o pensamento ocidental, no sentido de se conhecer o ego como isolado, dentro dos corpos.<sup>66</sup> O mundo das idéias é que é perfeito; o mundo dos sentidos é imperfeito. O que existe de concreto não passa de cópia imperfeita. Este é o ensino platônico desdobrado no cartesianismo.

Contra o argumento cartesiano-separatista se torna fundamental afirmar que o “Homem e a sociedade são realidades correlatas e interdependentes. Definir

<sup>64</sup> Ibid., CAPRA, F., **O Ponto de Mutação**, p. 41.

<sup>65</sup> Ibid., CAPRA, F., **O Ponto de Mutação**, pp. 49-50.

<sup>66</sup> Ibid., p. 55.

uma é influir noutra.”<sup>67</sup> Assim, se percebe na Bíblia uma preocupação com a comunidade. O indivíduo e a comunidade são mantidos juntos num relacionamento viável, sem que um se perca absorvido no outro.<sup>68</sup> O indivíduo foi criado para viver em comunidade e esta é a sua verdadeira vocação. Mas o individualismo moderno tem se perpetuado, perdendo-se de vista o sentido de comunidade. Sendo assim, o homem não encontra mais esforços para poder interpretar a sua humanidade. Até mesmo a adoração em igrejas passou a ter cunho individualista, com marcas de uma falsa piedade. Esse sistema cartesiano, divisionista, individualista falsifica a natureza da sociedade cristã e compromete negativamente o mundo.

Eis as mais perigosas tendências separatistas, que têm influenciado negativamente o homem e o mundo. Urge que se tome conhecimento de certas ordens básicas da criação segundo a Bíblia, conforme foi advertido: Deus em relação ao universo; o homem em relação a Deus e à criação terrena, e o homem em relação à família.<sup>69</sup>

Se no leque do divisionismo existem as correntes que influenciaram em termos de se perceber o mundo e o próprio ser humano de forma fragmentada, como o gnosticismo e o sistema cartesiano ensinam, constituídos extremos, um outro viés surgiu, de forma contrária, percebido como extremo, sob o ponto de vista da Teologia, que é denominado de *panteísmo*.<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> Cf. o trabalho de WRIGHT, G. E. **Doutrina bíblica do homem na sociedade**. São Paulo: Aste, 1954. 190p.

<sup>68</sup> Cf. WRIGHT, G. E. **Doutrina bíblica do homem na sociedade**, p. 31.

<sup>69</sup> Ibid., WRIGHT, G. E. **Doutrina bíblica do homem na sociedade**, p. 42.

<sup>70</sup> Cf. CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. Panteísmo. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 5, pp. 40-41. Essa palavra vem do grego, **pan**, “tudo”, mais **théos**, “deus”, dando a entender que “tudo é Deus”. De acordo com o panteísmo, Deus é o cabeça da totalidade, e o mundo é seu corpo.

## O panteísmo

Os pressupostos do panteísmo são percebidos de forma clara,<sup>71</sup> no sentido de que Deus jamais é causa externa, separada do efeito, mas ele se manifesta bem no coração da criação.<sup>72</sup> A realidade não pode comportar duas essências separadas, e quanto mais se conhece a coisa singular, mais se conhece a Deus.<sup>73</sup> Diante dessa postura, refletida por Spinoza, dentro de um parâmetro do ensino panteísta, há quem reflita afirmando ser não um estilo científico ou literário, religioso ou psicológico, mas uma certa “Terceira Via”, de experiência *estética*, no sentido de se compreender o mundo, o homem e Deus.<sup>74</sup>

O panteísmo, mesmo que seja compreendido e avaliado por uma via estética sobre o mundo, sobre o homem e Deus, possui algumas impropriedades, uma vez analisado pela Teologia. O panteísmo confunde o natural e o sobrenatural, o finito e o infinito numa só substância. Refere-se sempre a Deus como o fundamento escondido do mundo dos fenômenos. Destarte, é impossível assumir a posição de se crer num Deus pessoal, dotado de inteligência e vontade.<sup>75</sup> O Deus da revelação bíblica é pessoal, e o panteísmo rechaça essa postura da fé cristã, que tem sua base na expressão de fé judaica, segundo a literatura canônica veterotestamentária, reafirmada no Novo Testamento.

Negar a pessoalidade e a transcendência de Deus não encontra apoio na história do cristianismo. Afirmar essas posições, insere qualquer pessoa ou grupo

<sup>71</sup> Ibid., CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. Spinoza, Baroque (Benedito). In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. 6, pp. 344-346. Sobre Spinoza suas datas foram 1632-1677. Foi um filósofo judeu. Nasceu em Amsterdã, na Holanda. Era de origem judaico-espanho-portuguesa. Recebeu treinamento rabínico. Mas acabou sendo desligado da sinagoga, acusado de ateísmo, em 1656. Spinoza trabalhava fabricando lentes, mas devotava muito tempo ao estudo da filosofia. Viajava muito e dava valor à solidão. Defendia vigorosamente a liberdade de pensamento e de expressão. Recusou trabalhar como tutor bem pago, posição que lhe foi oferecida por Luís XIV, bem como um professorado na Universidade de Heidelberg, por temer que lhe fossem impostas limitações ao seu pensamento. Suas idéias principais: A unidade de substância; o Deus único como substância única e absoluta, a totalidade da realidade; posição monista, contra o dualismo Corpo/Mente, no sistema cartesiano; o alvo de todo o esforço do ser humano é a obtenção do conhecimento. Para esse filósofo há duas maneiras de entender a Deus: *natura naturata*, <<natureza naturada>>, ou seja, a realidade que se segue, por necessidade, da natureza de Deus; e *natura naturans*, <<natureza naturante>>, ou seja, Deus como causa livre, como existência eterna e infinita. Esta última é a base primeira.

<sup>72</sup> GISEL, P. Le Dieu de Spinoza. In: In: **Revue de Théologie et de Philosophie**, 120, Genève: Lausanne-Neuchâtel. 1988, p. 348.

<sup>73</sup> Ibid., GISEL, P. Le Dieu de Spinoza. In: In: **Revue de Théologie et de Philosophie**, 120, p. 349.

<sup>74</sup> Cf. PIGUET, J.-Claude. Le Dieu de Spinoza, Genève, Labor et Fides, 1987, 134p. In: GISEL, P. Le Dieu de Spinoza. In: In: **Revue de Théologie et de Philosophie**, 120, Genève: Lausanne-Neuchâtel. 1988, p. 347.

<sup>75</sup> Cf. BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**, p. 24.

num ateísmo. É correto afirmar que Deus está imanente em todas as suas criaturas, em sua criação total, mas de nenhum modo se confunde com os elementos criados. E, nas relações de Deus com o mundo, deve ser evitado o erro do panteísmo.<sup>76</sup> Negar a transcendência de Deus é o mesmo que adotar como confissão de fé um ateísmo que insere o humano num plano apenas horizontal. E, tira-se da pessoa o sentido da própria existência, e alguns valores como o arrependimento, a fé, a obediência, a comunhão e o amor, a lealdade ao serviço, bem como a segurança da vida diante da morte, perdem seus significados. Isto tudo, somente encontra significado no seu objeto apropriado, ou seja, no Deus pessoal.

Diante dessa confusão que ensina o panteísmo, considerando que o infinito se identifica com o finito, não poderá existir nenhum plano de conteúdo transcendental, concomitantemente, o ser humano passa a se desumanizar, uma vez que ele deixa de encontrar sua razão de ser e de existir a partir do infinito, do Criador. Como resultado catastrófico, a idéia de *ser como Deus*, síndrome dramática de caráter decorrente da queda de Adão, conflui sobremodo para a destruição em nível antropológico, chegando a proporções cosmológicas. Assim, configura-se essa avaliação em relação ao homem moderno, que é freqüentemente um ser de um mundo sem Deus e de um Deus sem mundo, sem criação e acabamento.<sup>77</sup>

A denominada “Teoria da emanação em várias formas”, afirma que o mundo é uma necessária emanação do Ser Divino. Deus e o mundo são essencialmente um, sendo o segundo manifestação do primeiro, deste modo se constitui a característica do pensamento panteísta. Diante dessa idéia, são levantadas algumas objeções:

- (a) Este conceito da origem do mundo tacitamente nega a infinidade e a transcendência de Deus aplicando-lhe o princípio de evolução, de crescimento e progresso, o qual caracteriza somente o finito e o imperfeito, e identifica Deus com o mundo. Desta maneira todos os objetos visíveis se convertem somente em manifestações transitórias de uma essência que existe por si mesma, inconsciente e impessoal, a que se deve chamar Deus, natureza, ou o Absoluto. (b) Despoja a Deus de sua soberania ao privá-lo de seu poder de própria determinação em relação com o mundo. Deus cai reduzido a um mero fundo oculto do qual necessariamente

<sup>76</sup> Ibid., BERKHOF, L., p. 71.

<sup>77</sup> GISEL, P. Création et Eschatologie. In: **Initiation à la pratique de la théologie. Dogmatique II**, p. 618.

emanam as criaturas, e o qual determina o movimento delas por meio de uma inflexível necessidade da natureza. Ao mesmo tempo esta teoria quita a todas as criaturas racionais sua relativa independência ou sua liberdade e seu caráter moral. (c) Também compromete a santidade de Deus em assunto muito sério. Faz Deus responsável por tudo o que acontece no mundo, tanto bom como mau. Esta é, por conseguinte, uma consequência muito grave desta teoria, consequência que os panteístas nunca podem escapar.<sup>78</sup>

Indubitavelmente, diante destas objeções o cristianismo não pode confessar um panteísmo dentro de suas premissas básicas, uma vez que compreende-se como o oposto a tudo quanto negue ou confunde o Criador com a criatura.

### 2.2.5

#### **Descompromisso com o ser humano e com o cosmo**

A problemática que envolve o tema da *criação e salvação*, está em torno do que se constitui mesmo a raiz do problema, em que uma análise refletida teologicamente faz coro com uma linha fragmentada. Uma certa fragmentação atinge o ser humano e o cosmo. As dificuldades são profundas e merecem ser tratadas com seriedade pela Teologia. É uma tarefa difícil, pois consiste num desafio que não pode ser vencido de estalo, mas tem de ser desenvolvido de maneira intensa, com alto grau de investimento, de preparação e execução, com o objetivo de se construir uma melhor maneira de ver Deus, o homem e o mundo.

Segundo o pensamento rousseriano,<sup>79</sup> o ser humano tem uma bondade natural, e que no relacionamento com a Natureza nada se desfruta externamente ao próprio indivíduo e sua existência. O sentimento do homem é instrumento de penetração na essência da inferioridade, e sendo assim, ele pode compreender e alcançar o próprio infinito. Para que isto seja uma realidade é preciso que o homem deixe de lado as convenções articuladas da razão civilizada. Rousseau entendia que a civilização é a grande responsável pela degeneração das exigências morais profundas da natureza humana, e que a dignidade do homem é algo de grande importância. Os abusos do estado social civilizado colocam o ser humano

---

<sup>78</sup> Cf. BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**, p. 164.

<sup>79</sup> Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social: Ensaio Sobre a Origem das Línguas (Vol I); Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens (Vol II). [Tradução: Lourdes Santos Machado]; In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

abaixo de sua dignidade, de sua vida primitiva; abusos que devem ser combatidos, porque corrompem os mais altos valores humanos.

Não obstante a uma certa desvantagem do homem em relação ao seu espaço cultural, comunitário e social, assim se expressa Rousseau:

Tais são, MAGNÍFICOS, HONRADÍSSIMOS E SOBERANOS SENHORES, as vantagens que eu procuraria na pátria que escolhesse para mim. Se a Providência lhe acrescentara uma localização, um clima temperado, uma terra fértil e a perspectiva mais deliciosa que existisse sob o céu, eu não desejaria, para rematar a minha felicidade, senão gozar todos esses bens no seio dessa pátria feliz, vivendo tranqüilamente numa agradável sociedade com meus concidadãos, praticando com eles, e segundo seu exemplo, a humanidade, a amizade e todas as virtudes, e deixando após mim a honrada memória de um homem de bem e de um patriota honesto e virtuoso.

Quanto mais reflito sobre vossa situação política e civil, menos consigo imaginar que a natureza das coisas humanas possa comportar outra melhor. Em todos os demais governos, quando se trata de assegurar o maior bem do Estado, todas as coisas se limitam sempre a projetos de idéias ou, pelos menos, a simples possibilidades; em vosso caso, vossa felicidade é completa – basta somente usufruir dela – e, para vos tornardes bastante felizes, basta somente contentar-vos com sê-lo.<sup>80</sup>

Rousseau não viu uma proposta ou idéia que fosse oportuna dentro do aspecto civil, que pudesse confluir para a existência de verdadeiros cidadãos, pois a sua sensibilidade percebia um descompromisso com o ser humano. Era preciso se retirar do estado social e buscar o verdadeiro desenvolvimento, através dos horizontes interiores e na elevação total da alma. O ser humano é inteiramente voltado para a vida solitária. A razão, a cultura e socialização não sustentam a vida humana. Tudo isso faz que o homem seja ruim, um ser violento e sem escrúpulo, e algo existe no ser humano antes da socialização.

Em algum aspecto pode-se até pensar que Rousseau tenha razão, pois a descaracterização do homem como humano e do cosmo como habitat natural de todos, têm se desconfigurado. Não que haja uma concordância com o seu pensamento, pois este fragmenta o ser humano e seu espaço cultural. Mas, observa-se hoje na história um descaso, um certo descompromisso com o ser humano criado conforme o prisma da *Imago Dei*, bem como também com o mundo, como obra do Criador. Campeiam as desigualdades sociais e econômicas; os interesses políticos-egocêntricos e estratégias sob ações maquiavélicas;

---

<sup>80</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens (Vol II). In: **Os Pensadores**, p. 37.

violência contra mulheres, negros, pobres e deficientes físicos; negligência em termos de educação para as crianças e adolescentes; o maltrato em relação à Natureza e o desprezo pelos temas ecológicos. Tudo isso e algo mais, fazem que o ser humano e o cosmo se tornem desfigurados.

O mundo e o ser humano não podem sob quaisquer aspectos, ser percebidos de forma fragmentada, e as dificuldades de uma reflexão relacional têm de ser evidenciadas e colocadas em ação, sob o crivo mesmo de uma articulação da Teologia de modo integral. O ser humano não deve ser considerado como um estranho precipitado sobre a terra. Ele é terrestre, é criatura de Deus, sujeito não primeiro, mas parceiro do Criador, que o presenteou com a genuína vocação humana, encarnada na história. Assim, há de se pensar não conforme a maneira docética, dualista, fragmentária, desconsiderando a matéria e priorizando o espírito. Nem também as visões científicas, cartesianas, que fazem renascer o gnosticismo, tornando em pedaços o ensino educacional nas escolas e nas universidades do mundo. Um traço maniqueísta não faz a existência um modo feliz de contemplar o mundo com seus elementos estabelecidos, porque se duas forças imperam, contrárias, certamente da luta somente sobrarão pedaços corrompidos de uma criação em decadência.

Se existem por um ângulo traços de dualismos, de realidades separadas, por outro existe também a oposição que tenta superar essa divisão, confundindo o infinito com o finito, o Criador com a criatura, tornando-se uma só realidade. Destarte, conflui para uma negação da transcendência de Deus, produzindo-se uma dose forte de ateísmo.

Uma vez constatado que o ser humano e o cosmo estão ameaçados, faz-se necessário uma tomada de consciência do que se constitui a solução para os mais diversificados problemas ameaçadores. Pois, considera-se que estão em jogo o mundo como criação de Deus com todos os seus elementos criador, e o ser humano na condição criatural divina, dotado de liberdade com responsabilidade, no espaço configurado como realidade rica e complexa. Toda essa realidade aparece dentro de uma configuração percebida no registro da revelação, na condição de palavra de Deus instituída, apresentando uma multidiversidade, fazendo surgir uma boa oportunidade de se pensar em *teodiversidade*.

## 2.3

### Pressupostos da Modernidade

O tema da criação na modernidade é muito diferente das expressões patrísticas e medievais. Hoje a criação se passa inserida dentro de um outro universo, pois está compreendida sob diversas mudanças, que marcam a mentalidade das pessoas. Esse universo que se chama *tempos modernos* ou *modernidade* está em oposição à Antiguidade e à Idade Média. Isso é em função de uma passagem da visão de um mundo orgânico para um mundo compreendido de pluralidades. Há mutações culturais e sociais, bem como o evento da ciência experimental de uma parte e a marca de uma nova metafísica por outra.

#### 2.3.1

##### O advento da ciência moderna

O advento da modernidade tem expoentes que sobressaíram na história científica, como por exemplo: Copérnico, Kepler, G. Bruno, Descartes, entre outros. Estes citados servem como testemunhos dessa nova configuração.<sup>81</sup> Não que se subestime suas diferenças e proposições, mas umas e outras marcaram profundamente esse mundo novo com seus enunciados.

A denominada revolução coperniana subtrai a terra de seu lugar no coração do cosmo, por situá-la entre os numerosos e descentrados planetas. Essa postura vai mais longe quando acentua a unidade de um mundo sublunar (entre a Lua e a Terra) e a hierarquia dos seres que se deslocam. Os como não é mais unicamente reunido ao redor de um centro único, mas está intrinsecamente compreendido de diferenças e de relações. Por exemplo: o auto e o baixo, o próximo e o distante. O ser é considerado através de um jogo qualitativo; ele será doravante homogeneizado, neutralizado.

A passagem de um mundo fechado para um mundo infinito conduz para a qualidade que se compreende em termos de coordenadas matemáticas.<sup>82</sup> Assim, a

---

<sup>81</sup> GISEL, P. **La création**, pp. 177-210.

<sup>82</sup> Cf. KOYRE, A. Du monde clos à l'univers infini. In: **La création**, p. 177ss.

série dessas coordenadas não possui fim e nem começo. Diante disso, a observação crítica é a de que o espaço não é mais de uma criação finita e estruturada, mas mensurada por um plano neutro, desligado das fisionomias e das palavras que dão em si consistência. Um espaço homogêneo e que permite um jogo de equivalências. Isso significa que a física das qualidades se acha substituída pela física quantitativa; no cosmo hierarquizado, um universo indefinido, formado de fenômenos equivalentes e freqüentemente sem finalidade. Uma percepção sempre de imediatismo se percebe, no sentido do que é novo surgir sempre de modo veloz, produzindo-se uma verdadeira revolução.<sup>83</sup>

A hesitação do mundo moderno se constitui num momento onde logicamente é feito “tábua rasa”, de passado, e onde se erige o eu, o sujeito humano como suporte. Há uma ruptura com o passado que faz o sujeito ser indefinido e que se defina como novo e como pivô.<sup>84</sup> Assim, tudo se coloca em oposição à tradição anterior como indeterminado e sem limites.<sup>85</sup> Esse é o mundo que se anuncia com Copérnico de modo homogêneo, espaço da geometria; espaço de Galileu e de Descartes.

Que conseqüências existem ao se considerar o progresso da ciência e a autonomia do homem? Uma observação em primeira plana que se faz é a de que uma revolução científica dessa amplitude, não poderá alcançar repercussões teológicas. O motivo é que a afirmação teológica será unicamente de uma tal visão científica do mundo. A postura da Teologia não é a de exercer uma crítica epistemológica científica, porém, sua responsabilidade é por sua vez mais específica e mais global. Ela tem a ver com a existência humana, considerando-se uma existência cultural e social; uma existência humana diante de Deus.

O mundo científico, segundo a visão de Descartes, estabelece uma oposição entre a substância pensante e a matéria. A primeira é material; a segunda é pura inteligência. Faz surgir uma definição estranha de Deus: seu poder é a sua própria essência e vice-versa.<sup>86</sup> Isso quer dizer pura causa de si, desalastrado de passividade e de opacidade dos corpos. Em termos teológicos significa um Deus sem existência; um Deus que é uma substância infinita, eterna, imutável, independente, todo conhecimento, todo poderoso. Assim, a constatação teológica

<sup>83</sup> Cf. TATON, R. Histoire générale des sciences II, p. 186. In: **La création**, p. 178.

<sup>84</sup> DESCARTES, R. Euvres et lettres, p. 1317 (lettre à Morus, 5, 2. 1649). In: **La création**, p. 178.

<sup>85</sup> Cf. KOYRE, A. op. cit. p. 65. In: **La création**, p. 178.

<sup>86</sup> Cf. SCHULZ, Der Gott der neuzeitlichen Metaphysik, p. 12. In: **La création**, p. 181.

que é também uma denúncia, exercendo uma consciência crítica, faz ecoar que com a revolução copérnica, o homem perdeu a objetividade de sua existência, real e situada no coração do mundo.<sup>87</sup> Uma existência concreta, num lugar concreto e particular, onde o homem é imagem de Deus. Um lugar onde ele pode afirmar a criação estabelecida por Deus.

### 2.3.2

#### Declinação no seio da escola Tomista

Entre os fenômenos marcantes que puderam ser assinalados na aurora dos tempos modernos, sem dúvida, foi a revolução nominalista. Esta é a via moderna de Ockam,<sup>88</sup> e o evento da ciência experimental. Operou-se uma mudança profunda e capaz de afetar a maneira de pensar, dando ocasião a um declínio no mais íntimo da escola Tomista.<sup>89</sup>

Pode-se afirmar que foi uma questão reconhecida no nível simplesmente de vocabulário.<sup>90</sup> Um declínio que implicou numa perda do sentido de se aprofundar a compreensão Tomista da existência. Segundo Sto. Tomás, a realidade criada é feita de uma irredutível ligação entre a essência, que assegura a determinação finita e a existência, que indica o ato de ser, numa intensidade positiva e profundamente irredutível. Essa existência não é marcada por um simples estado, mas se faz por uma essência, uma possibilidade de ser através da existência. Como base para todo o sistema Tomista é a convicção de que o intelecto humano está em concordância com a essência das coisas, e que no processo de conhecer, a mente humana se identifica com as coisas e participa de sua essência. Assim, a capacidade humana de penetrar na própria natureza das coisas, de conhecer sua causa e sua finalidade, é o fundamento da especulação metafísica.

A existência designa uma emergência positiva, segundo Sto. Tomás, que em outros termos significa uma intensidade ou uma perfeição, num caráter irredutivelmente sintético.<sup>91</sup> Esse caráter está no bojo de uma religião que trata de

<sup>87</sup> Cf. JÜNGEL, E., Gott als Geheimnis der Welt, p. 18. In: **La création**, p. 181.

<sup>88</sup> Cf. HÄGGLUND, B. **História da Teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 1986, pp. 169-172.

<sup>89</sup> GISEL, P. **La création**, pp. 183-194.

<sup>90</sup> FABRO, C., Participation et causalité selon Saint Thomas d'Aquin, p. 282 ss. In: **La création**, p. 184.

<sup>91</sup> Cf. FABRO, C., Participation et causalité selon Saint Thomas d'Aquin, p. 15. In: **La création**, p. 185.

uma revelação que tem como fundamento a concepção de Deus e do mundo, segundo o dogma da criação a partir do *nada*. Assim, a existência não é uma simples realidade, entendida como um sol indiferenciado, a respeito de alguma coisa homogênea e indistinta. Essa realidade é envolvida por uma dinâmica, e segundo a teologia cristã o *nada* não é pura ausência. Antes, designa que a criatura é ato criador de Deus. Pensar sobre o nada significa que este designará a distância infinita ou a incomensurabilidade absoluta entre o Criador e sua criatura, distância que a criação supera para a instauração de um face a face.

O que se constata de forma reflexa é que a essência é percebida como possibilidade primeira, e a existência como realização singular. Mas, dentro da escola Tomista se pode testificar uma contestação possível, de uma infecção subrepetida de uma certa linha de racionalismo, o que se chama de uma opção nominalista. O nominalismo da Baixa Idade Média teve seu profundo interesse na Filosofia, testemunhando um tratamento exaustivo, dado a questões periféricas da Teologia, e particularmente ao problema da relação entre Teologia e Filosofia. Essa é a escola fundada por Guilherme de Ockam, professor de Oxford, falecido em 1349. Ockam rejeitou o realismo de Tomás de Aquino e fez reviver a posição nominalista, que afirmava que apenas o individual possui realidade. Segundo ele a posição realista deve ser repudiada. Os valores universais são apenas conceitos formados na mente do homem para designar certo número de indivíduos da mesma espécie.

Segundo o nominalismo a tarefa da ciência é a de investigar conceitos em seu contexto e suas realizações, enquanto a metafísica deve ser abolida. Aqui está o declínio no coração da escola Tomista, indicando nada mais nada menos que o primado acordado numa ordem lógica sobre a ordem do existir. O ser não designa senão mais que um estado, cuja responsabilidade é dada por sua definição, e cuja realização é função de uma decisão exterior de um Criador. Aqui se observa que a existência de Deus não é necessária à fé religiosa, porque se os efeitos das atividades de Deus no mundo podem prover teoricamente uma clara demonstração de sua existência, essa demonstração não pode ser entendida por nossas mentes finitas. Assim, torna-se necessário um poder maior que vá além de nossa racionalidade.<sup>92</sup>

---

<sup>92</sup> Historicamente, o declínio tem sua cristalização na figura do grande teólogo espanhol, o jesuíta Suarez (1548-1617). Foi o mais importante filósofo escolástico do Séc. XVI. Suarez inaugurou o

Numa perspectiva teológica tradicional, o homem é enraizado na natureza e na história, portanto, no mundo. E não como considera essas linhas nominalistas, que pensa o ser e o nada em oposição, se cortando sobre o espaço de uma indiferença lógica.

### 2.3.3

#### Leibniz e sua Teodicéia

A teodicéia de Leibniz (1646-1716) é racionalista, e nela há redução dos poderes da subjetividade humana.<sup>93</sup> Oposta à cartesiana, a concepção de mundo nos princípios formulados por Leibniz, encontra um dinamismo que explica os seres não como máquinas, mas como forças vivas. O universo é composto por unidades de força, que são as *mônadas*. Em relação ao corpo humano, se ele é afetado, de alguma maneira os outros são afetados. Todos os movimentos correspondem a percepções ou pensamentos mais ou menos confusos da alma. E quanto a Deus, é preciso dizer que ele é a ligação possível das coisas, a escolher o melhor, e conseqüentemente o melhor é aquele que existe em ato. Assim, existe mais que um decreto único de Deus, portanto, que o atual seguimento das coisas alcança a existência quando se examina de tudo o que segue entre as comparações com uma penetração nas outras. Os atos de cada *mônada* foram regulados de modo a estarem adequados aos atos de todas as outras, proporcionando uma harmonia preestabelecida.

O que se constata em Leibniz é uma prioridade decisiva e absoluta: a existência, o real, que é segundo. Isso quer dizer que é temporal, que se desenvolve como um primado de direito. Antes que a coisa seja real, ela é antes, talvez, vista por Deus, em perfeita transparência e em totalidade. A vontade do Criador, que tem como fundamento o *finalismo*, submete-se ao seu entendimento. Assim, Deus não pode romper com sua própria lógica e agir sem razões, pois estas constituem sua natureza que é imutável. A partir daí, o mundo criado por Deus

---

mundo moderno e seu racionalismo. Cf. SUAREZ, Archives de philosophie, 1979/2. In: **La création**, p. 191.

<sup>93</sup> GISEL, P. **La création**, pp. 194-201. Pierre Gisel se propôs examinar um pequeno texto de Leibniz onde consta substancialmente “La cause de Dieu, plaidée par as justice, elle-même conciliée avec toutes les autres perfections et la totalité de ses actions”. Texto de 1710, que contém um resumo do conteúdo da “Théodicée” e desde 1712, ele refletiu sempre em seus “Essais de théodicée”.

está impregnado de racionalidade, cumprindo objetivos propostos pela mente divina.<sup>94</sup> Não há aqui o ensino de uma teodicéia racionalista de modo claro?

Ainda que o momento em que Deus exerça a sua eleição, seja consignado como eleição de Deus, de forma nenhuma pode afetar o ser da coisa em si mesma. Ela existe, desde então, em ato, pois Deus examina e a compara em toda a sua soberania, em toda a sua liberdade. Desta maneira se observa uma liberdade de escolha original, absoluta e radical. Mas, essa liberdade não é, portanto, gratuita ou arbitrária, porém ela é estranhamente ligada à afirmação de uma razão das coisas. Uma razão eterna, absoluta e radical. Ela é a regra de direito ou de razão. Assim, Leibniz recusa que o poder de Deus seja “absoluto” e seu governo isento de regras. As coisas são determinadas pela presciência e pela providência divinas, não absolutamente, mas pela ação intermediária de suas causas e de suas razões.

O fundamento leibniziano vai longe, pois afeta o tema teológico da eleição. Primeiro, porque o princípio da razão consiste em submeter toda e qualquer explicação ou demonstração a duas exigências: no caráter não-contraditório daquilo que é explicado ou demonstrado; e em que, além de explicado ou demonstrado, não pode ser contraditório; a coisa em questão também existe realmente, que é a razão suficiente. A premissa central para justificar esses pontos de vista é que o princípio de razão afirma que uma coisa só pode existir necessariamente se, além de não ser contraditória, houver uma causa que a faça existir. E, o fim da produção das coisas são as vontades justas, boas e perfeitas de Deus, que deseja essa produção. Em Leibniz se vê o *finalismo*, que é o princípio em que Deus calcula vários mundos possíveis, mas faz existir o melhor desses mundos. Esse é o princípio melhor. O critério do melhor é sobretudo o moral, assim o mal é a simples sombra necessária do bem.

Observa-se em Leibniz, mesmo sendo racionalista, uma linha estóica de pensar, uma vez que há a recusa de reconhecimento dos direitos da contingência como tal. Além disso, o pensamento leibniziano considera deliberadamente e sem relaxamento o todo. O que é próprio de sua teodicéia, na sua diferença que é irreconciliável com a Teologia, se abstrai da história, da experiência, da singularidade, e se ocupa com uma linha fora da razão. Mais ainda, se pode contemplar uma teodicéia que precisa em primeiro lugar ser escrita, para de

---

<sup>94</sup> LEIBNIZ, G. W. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. [Tradução: Luiz João Baraúna]. São Paulo: Nova Cultural, 1996, pp 8-9.

alguma sorte justificar o mal. Faz-se sempre a reflexão, referindo-se à totalidade, e de maneira tal, que o mal aparece também necessário.

Segundo a lógica metafísica de Leibniz, o homem em sua razão, pode pensar a mesma coisa que Deus, e pode mesmo viver segundo sua ordem razoável como se diz. Isso porque se podem articular duas ordens: aquelas das verdades da razão e aquelas das verdades dos fatos. O primeiro é pensado segundo uma lógica dominada pelo princípio da não-contradição.<sup>95</sup> Essa ligação sanciona em seu fundamento um pensamento de identidade,<sup>96</sup> simples e primeira.<sup>97</sup> Já a segunda ordem é aquela dos fatos, contingentes, que é comandada pela razão suficiente. Em tudo e por tudo existe uma razão, e o homem é sempre apto a querer agir de conformidade com ela.

### 2.3.4

#### Feuerbach e o desdobramento antropológico

Depois de uma análise na expressão racionalista da metafísica, agora segue uma análise referente à redução da antropologia, que se apresenta em Feuerbach (1804-1872).<sup>98</sup> Feuerbach se torna importante nesta parte do trabalho, uma vez que existe um vínculo com a produção textual de Marx. Marx declara que a religião é o ópio do povo. Assim, esse texto que precede à célebre fórmula, que é uma repetição do que refletiu e produziu literariamente Feuerbach.<sup>99</sup> Sobre a passagem de Marx segundo Feuerbach, algumas obras<sup>100</sup> foram analisadas, servindo de base para formular a abordagem no que concerne ao desdobramento antropológico.

Em Feuerbach se remete a uma reflexão que encontra pleno acordo no pensamento moderno. Ele se propõe a dissolver a Teologia, denunciando-a como alienação. Porém, é uma reflexão que apresenta uma sutileza em relação à tradição autenticamente teológica, e respectivamente à perda dessa tradição. O

<sup>95</sup> Cf. MARTIN, G. op. cit., p. 13, 26 ss., 48 ss., 53 s. In: **La création**, p. 199.

<sup>96</sup> LEIBNIZ, G. W. Nouveaux essais de théodicée, IV, 2, 1. Ibid.

<sup>97</sup> LEIBNIZ, G. W. Monadologie, paragr. 33. Ibid.

<sup>98</sup> Cf. GISEL, P. **La création**, pp. 201-210.

<sup>99</sup> Cf. MARX, K. e ENGELS, F., Sur la religion, p. 42. In: Ibid., p. 201.

<sup>100</sup> Cf. ENGELS, F., Ludwig Feuerbach et la fin de la philosophie allemande, p. 23. Obra muito parecida com L'Essence du christianisme de Feuerbach; MARX, K. e ENGELS, F., L'idéologie allemande. In: Ibid., p. 201 ss.

que importa para ele é o que tem implicações na medida onde há um sigilo efetivo da metafísica em sua forma moderna. A crítica de Feuerbach é, em efeito, pertinente, porque é típico mesmo do homem moderno, querendo ou não contestar. O homem moderno é contestador, e não aceita os dogmas impostos, sem haver antes uma reflexão crítica.<sup>101</sup>

As duras críticas sem misericórdia que Feuerbach faz à Teologia,<sup>102</sup> não têm a intenção de ser apenas algumas simples alfinetadas, mas são como lanças que produzem intenso derramamento de sangue, provocando mesmo a morte. Segundo ele o cristianismo já está tão deturpado e em desuso, que até mesmo os seus representantes oficiais e eruditos, os teólogos, não sabem mais ou pelo menos não querem saber o que é o cristianismo. Os seus princípios gerais compostos em sua obra “A Essência do Cristianismo”, não são o que Feuerbach denomina *a priori* forjados, produtos de certas especulações. Ele alude a uma análise da religião, que não é uma produção de coisas a partir do pensamento, mas a partir da realidade externa. Para ele a versão tradicional do cristianismo, o cristianismo dogmático, já era uma coisa do passado. Desapareceu há muito tempo, não apenas da razão, mas da vida humana. Isso significa que Feuerbach não é contra a religião, mas contra a interpretação da Teologia.

Segundo Feuerbach “A essência do Cristianismo” é o mistério do princípio criador do mundo em Deus. A essência autêntica, quer dizer, antropológica da religião. Por outro lado, existe a essência inautêntica, que é a teológica, ou da religião. Autêntica se opõe à inautêntica como antropológica à teológica. Em Feuerbach não é a religião que é criticada, mas a expressão teológica. Por quê? Porque a teologia é momento de exteriorização, que significa sempre, alienação. Exteriorização porque se fala do outro, e supremamente de Deus; porque se tem feito desse *outro* um sujeito *independente*,<sup>103</sup> autônomo e diferente. E, enquanto Feuerbach se propôs a corrigir as aberrações da religião, que são teologia e especulação, era ele obrigado a se servir de suas expressões. Destarte, procurou

---

<sup>101</sup> Para um aprofundamento sobre este assunto, cf. MONDIN, B., **Antropologia Teológica**. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 45-72.

<sup>102</sup> Cf. FEUERBACH, L. **A Essência do Cristianismo**. [Tradução: José da Silva Brandão]; Campinas-SP: Papyrus, 1988. 396p.

<sup>103</sup> Cf. STIRNER, M., L'Unique et sa propriété. In: **La création**, p. 202.

reduzir a teologia à antropologia; denominou o seu método de histórico-filosófico em oposição à mera análise histórica do cristianismo.

Há uma assimilação de Feuerbach em relação ao termo *diferença*, para que seja mais bem entendida a sua posição. Ele se concentra na figura do Filho, que é por sua vez princípio criador do mundo, e soma de todas as coisas. A eternidade do Filho retoma a função mesma destinada à eternidade da matéria. Constitui-se uma mesma função? A diferença entre a eternidade pagã da matéria e a criação cristã consiste unicamente no que os pagãos assinam no mundo como uma eternidade real objetiva, enquanto os cristãos não o conferem, senão que uma eternidade não objetiva. O mundo é eterno em Deus, e a diferença entre o mundo e Deus é porque Deus é criador do mundo; não é este que é formal, e não essencial. Assim, a criação nada mais é que ato formal. O mundo de representação sobre o qual Feuerbach opera sua crítica é do mesmo tipo daquele que tem sido considerado segundo Leibniz.

O mundo tem seu fundamento em si mesmo como tudo o que neste mundo pretende no nome de uma verdade essencial. Portanto, havendo uma diferença formal, não constitutiva e identificada primeira, a diferença é propriamente de ordem funcional. Ela é resultado de uma atividade de distinção, que é a atividade da razão. A diferença é uma determinação essencial da razão. Assim, para Feuerbach a diferença sempre se conjuga como contrário. Mas se pode ser diferente sem ser necessariamente o contrário ou oposto. Pode-se ser diferente exceto o face a face da única dualidade. Pode-se ser diferente no infinito do espaço do mundo onde cada um vive por si mesmo, na sua diferença intrínseca e na pluralidade de suas relações.

Como pressuposto da modernidade o pensamento de Feuerbach se estende a ponto de declarar que a religião é antropologia; que a Teologia é Antropologia. Reduz a linguagem religiosa à pura confissão das aspirações do ser humano. Tudo o que o homem fala acerca de Deus, através da linguagem religiosa, nada mais é que uma confissão de suas aspirações e projetos. Deus para ele somente poderia ser conhecido como homem. Assim, todos os espaços metafísicos são expressões de uma realidade humana segundo Feuerbach.

Por mais brilhante que seja o pensamento de Feuerbach e que tenha deixado seu nome na história da Filosofia, procurou centralizar tudo no homem, esquecendo-se de Deus como transcendente. Descartou a revelação bíblica e a

tradição teológica, bem como o papel da Igreja no mundo. Se estes não têm lugar na história da humanidade e no conhecimento do Deus Criador e Salvador, por que homens e mulheres do passado deram suas próprias vidas no desenvolvimento de sua fé? Por que muitos encontraram nos textos canônicos e na tradição teológica a verdadeira compreensão de si mesmos, de Deus e do mundo? Por que a Igreja não desapareceu do cenário histórico?

## 2.4

### A busca pelo resgate teológico da Criação e Salvação

Fazer que aconteça uma reflexão teológica, significa muito mais do que conceituar algo que pode ou não estar à disposição de quem cogita tal empreitada. Há muitas empreitadas no terreno teológico, mas que não promovem integração entre Criador e criação, e entre criação e salvação. Há trabalhos que se supõem teológicos, que promovem uma reflexão sem um voltar-se para a existência, ou mesmo consideram única e exclusivamente o sentido de promover apenas conteúdos especulativos. Por exemplo, a especulação de certo conceito que joga tudo para o futuro, sem uma preocupação com o presente. Mais ainda, por outro ângulo, o posicionamento que reflete acerca de um presente sem passado e sem futuro.

Há instâncias que fazem parte da realidade humana e que necessitam de uma teologia que não cause fragmentos; que não se desconecta dos pontos cruciais da existência; que não se abstenha de olhar a criação sob a ótica da revelação. As instâncias que mais necessitam de teologia são as seguintes: a *fé* que busca compreender o que crê; a *criação* com seu grito inarticulado por um Criador, cabendo a Teologia articulá-lo; a *vida* e a busca sobre o sentido último e radical das coisas; a *época em se vive*, sob uma cultura moderna que é essencialmente reflexiva; a *realidade social* com todos os seus desafios.<sup>104</sup>

---

<sup>104</sup> Sobre essas instâncias, cf. BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, pp. 1-14. (754p.).

Após essas considerações orientadoras, não se deve deixar de entender que o propósito da Teologia é a certeza dos fatos com respeito a Deus e as relações entre Deus e o Universo, e a exibição desses fatos em sua unidade racional, com partes conectadas de um sistema de verdade formulado e orgânico.<sup>105</sup>

#### 2.4.1

### **A tomada de uma consciência articuladora e resgatadora da Criação e Salvação na História**

O tempo que se chama hoje é tempo de muitas articulações. Articulações políticas, humanísticas, ecológicas, sociais, religiosas e espirituais. Existem muitos escritos e de muitas tendências, que parecem ofuscar mais do que esclarecer às mentes e os corações acerca de uma articulação. Articulação, relação, dialética, são pontos que envolvem o tema proposto neste trabalho. A responsabilidade por uma articulação recai responsabilmente sobre a Igreja. E a Igreja não pode prescindir da Teologia. E, é justamente no campo da Teologia que deve haver uma seriedade revestida de objetividade em relação a uma demanda de formação humana, para uma tomada de consciência sobre a boa criação de Deus, da salvação que subverte e redimensiona o homem e a própria natureza, marcados por uma situação de não-salvação.

Não se deve caminhar segundo a proposta de Rousseau em termos educativos, por exemplo, quando puderam detectar um conflito entre exterior e interior, natureza e experiência. Não é saudável para a Teologia comportar dois aspectos da educação rousselfita: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais.<sup>106</sup> Afastar-se ou abster-se das situações adversas da sociedade possui caráter profundamente negativo. Manifesta uma configuração cética, porque se a Teologia não é capaz de pronunciar juízos teóricos, e não agir na prática, isto é, não julgar nem agir, não julgar nem decidir teórica ou praticamente, pode considerar-se fundamentada em dogmas petrificados, sem vida.

<sup>105</sup> Cf. STRONG, A. H. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Teológica, 2002, Vol. I, pp. 21, 22.

<sup>106</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social: Ensaio sobre a Origem das Línguas (Vol I). In: **Os Pensadores**, p. 16.

Após introduzir uma problemática da abordagem que envolve uma dificuldade acerca da reflexão relacional, interacionista, pelas diversas expressões fragmentárias, tanto por certas linhas que agem dentro de uma eclesiologia, bem como pelo ângulo científico, pode-se afirmar que nem tudo está deixado à sorte dessas expressões.

O presente trabalho se propõe a mostrar que existe uma articulação que promove o resgate e o valor da *criação e salvação*. Há propostas teológicas e antropológicas, no sentido de haver um desenvolvimento de um verdadeiro compromisso com valores fundamentais dessa articulação. O objetivo é de formar uma opinião não-fragmentária e que construa uma nova forma de pensar teologia, não apenas conceitual, mas compreendida de premissas bíblicas e teológicas, com o envolvimento prático, visando, portanto, alcançar um nível de consciência cristã elevada na história.

A solução não está fora da *revelação*, e nem também da *tradição teológica*, mas dentro delas, pois o que aconteceu foi o surgimento de um tipo estranho de reflexão, desenvolvido sob certas linhas estranhas. Deu-se um desenvolvimento teológico-eclesial mais de linha grega, do que bíblica. Deixou-se de pensar o mundo como um espaço vida, e o ser humano passou a ser visto como estranho, perdido no mundo, como se fosse disforme da vontade divina. A própria salvação tomou vários caminhos de cunho gnóstico, deixando de lado o fundamento veterotestamentário, e que se revelou plenamente na vida e na obra de Jesus Cristo, no Novo Testamento.

Para o entendimento proposto, de uma tomada de consciência, foram tomadas e consideradas as obras de Pierre Gisel.

#### **2.4.2**

##### **A teologia de Pierre Gisel**

A Teologia não pode viver alheia à realidade que cerca o ser humano, porque o retrato da criação compreende os aspectos social e cultural. Assim, é preciso considerar um fator redobrado para se obter todo o acesso à realidade. O mundo é nosso espaço; o espaço do que é diferente; uma riqueza que o ser humano não pode deixar de refletir. E, quanto ao homem moderno, percebe-se a sua crítica em relação às tradições, aos ensinamentos dos antigos, dos dogmas, das

instituições, das igrejas. A tábula rasa alimentou as idéias cartesianas, racionalistas e aos ataques da crítica à metafísica. Essa crítica da razão que marcou profundamente o homem moderno, abandonando-se a ela mesma, fez de si mesma soberana. Tudo isso conduz o homem a querer transformar a terra e a criação como se ele fosse Deus.

Em face de toda essa estrutura moderna, torna-se oportuno observar as linhas que dimensionam o trabalho teológico de Pierre Gisel sobre a criação. Contém linhas que norteiam o horizonte do trabalho que se encaminha, segundo as largas coordenadas culturais e sociais. Diversas questões são tratadas: o mal, a liberdade, a Lei, a Revelação. A criação não é simplesmente a natureza. Ela é em si mesma uma realidade teológica. Por isso, uma renovação do tema da criação envolve uma certa ação eclesial. A Igreja tem de estar envolvida nessa missão, uma vez que é uma realidade teológica.

Uma teologia da criação abre espaço para uma reflexão sobre os diversos limites, quer do homem, quer da própria criação, porque muitos hoje são tentados pela sedução de formas religiosas novas, ou as tentativas de substituição através de novas gnoses e utopias sócio-políticas. Essas tentativas produzem uma negação do presente e do passado. Assim, o tema da criação e salvação em Pierre Gisel conhece também uma nova regra de atualidade, imprescindível no seio eclesial.

A teologia refletida por Pierre Gisel é marcada pelo pensamento reformado de linha calvinista, que tem como fundamento a Doutrina da Providência e uma certa teologia natural, como também uma ética natural. O enriquecimento teológico tem de ser através de uma teologia fundamental que pode ser definida, sendo envolvida por todos os campos humanos, e cujo diálogo tem de ser privilegiado com as ciências, com as realidades ideológicas e éticas. É preciso urgentemente atentar para uma ação ecumênica hoje, a fim de ser tratado o tema da criação numa linha profundamente soteriológica.

### 2.4.3

#### **Seu lugar de origem, vida e plena atividade**

O professor Pierre Gisel é doutor em teologia da Universidade de Genebra. Ele possui um vasto currículo e exerce até hoje um trabalho profícuo. Exerceu a função de pastor e administrador da editora protestante *Labor et Fides* antes de ser

professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Lausanne. Ele tem igualmente sido convidado para ministrar aulas e palestras nas seguintes faculdades: Faculdade de Teologia Protestante de Paris, Faculdade de Teologia Católica de Fribourg, Faculdade Jesuíta de Teologia do Centro Sèvres (Paris), Faculdade de Teologia e de Ciências Religiosas da Universidade Laval. Ocupa a função de Deão da Faculdade de teologia da Universidade de Lausanne, presidente da Associação Francesa para edição das obras de Ernst Troeltsch e para Estudo do Cristianismo no Mundo Moderno, presidente do Instituto de Hermenêutica e Sistemática (Universidade de Neuchâtel) e vice-presidente da Academia Internacional de Ciências da Religião.

Em face de um currículo tão vasto, percebe-se que a experiência de Pierre Gisel atende à expectativa de qualquer pesquisador que deseja aprofundar seus conhecimentos na área teológica, bem como em outras áreas de ciências humanas. Porque na existência humana, aprendem-se uns com os outros, uma vez que não há ser inteligente mortal que detenha todo o conhecimento, e que não dependa daqueles que já chegaram a um determinado lugar da carreira humana. E aqueles que já chegaram, certamente buscaram em outros as experiências.

Mas, é fundamental atentar para o fato de que este trabalho não tem a pretensão de transcrever as obras de Pierre Gisel. A sua base é segura para a reflexão, contudo, fazem-se necessárias uma certa distância e uma atualização. Aqui está, talvez, a maior dificuldade do trabalho, sobretudo por ser considerado um trabalho de tese doutoral.

#### **2.4.4**

#### **Sua articulação teológica sobre a Criação e Salvação**

Uma articulação teológica relacional não é tarefa tão fácil, pois a tendência em teologia, como em outras ciências é a de compartimentar as partes. Partes que se tornam isoladas e que não possibilitam uma relação com as outras. Aqui não há nada contrário em termos científicos, referente ao estudo das partes, mas que sejam relacionadas às outras e ao todo, a fim de que não haja perdas de uma forma geral ou particular. E todo pesquisador sério perceberá como é importante exercitar seu pensamento de tal modo.

Pierre Gisel é um teólogo que, sob muitos aspectos, sabe manejar mecanismos que corroboram para uma dialética em termos teológicos, através de suas obras. Em seus escritos, um fio articulador existe entre *criação e salvação* de modo objetivo, com fundamento bíblico, bem como na tradição teológica dos Padres da Igreja.

A Teologia precisa estar em relação com as outras ciências e contribuir com uma reflexão séria e que seja útil para a atualidade. Por essa causa é que as obras de Pierre Gisel contêm bibliografias dos melhores teólogos católicos e protestantes, reconhecidos mundialmente. Há uma visita constante à aquilo que os Padres da Igreja produziram como tentativa de resgate da articulação que foi quebrada por um dualismo de linha grega, e posteriormente difundido pelo sistema cartesiano, na modernidade, iniciado no Séc. XVII.

#### 2.4.5

#### **Suas obras entre as obras teológicas**

Escrever sobre um tema importante da Teologia, *Criação e Salvação*, não é tarefa tão fácil, em face das circunstâncias adversas em termos de certas linhas dualistas. Há compêndios de teologia que são volumosos, em alguns casos, mas a maioria tem usualmente contido de forma tão sintética os temas teológicos, que têm recebido tratamento apenas introdutório. É a era do poder de síntese, de se simplificar o quanto possível, para se compreender. Mas, ao mesmo tempo em que isso acontece, se deixa de aprofundar os assuntos que envolvem pontos fundamentais da Teologia Sistemática. Sendo assim, as perdas são imensas, e a Igreja caminha de forma superficial em suas reflexões.

As obras teológicas de Pierre Gisel não contêm exageros em termos de conteúdo, e muito menos em termos de apresentar os pontos teológicos com superficialidade. Ao mesmo tempo em que trata com profundidade, percebe-se uma objetividade e clareza em seus escritos, mesmo utilizando todos os recursos da Teologia e da Filosofia. Assim, está em foco o perfil do bom teólogo, ao utilizar o princípio da clareza e da brevidade sem ser superficial.

Dentre as obras teológicas que tratam da articulação entre *Criação e Salvação*, as de Pierre Gisel fazem coro no sentido de se romper com todo maniqueísmo reinante no horizonte teológico, com vistas a um exercício quanto

ao pensar, a fim de se perfilar uma melhor tomada de consciência teológico-doutrinária. As implicações têm a intenção de atingir também o próprio mundo científico, cadenciado pelo sistema de cunho cartesiano, que é a tradução atual da lógica de Aristóteles, que trata de uma abordagem necessária para as práticas da vida mecânica, mas que não é suficiente nos casos que envolvem sentimentos e emoções. Isso quer dizer que se evita entender e lidar com a totalidade da vida humana.

#### 2.4.6

##### As obras de utilização no presente trabalho

*In vitro*, apenas foram utilizadas as obras que tratam mesmo do tema proposto neste trabalho, relacionadas à *Criação e Salvação*, porque atualmente, Pierre Gisel vem atuando em conjunto com outros teólogos europeus no que concerne ao diálogo da Teologia com as Ciências, e no campo também das Ciências da Religião, envolvendo o diálogo inter-religioso.<sup>107</sup>

Seguem abaixo sínteses das principais obras de Pierre Gisel, utilizadas neste trabalho:

A primeira grande obra de P. Gisel é **Vérité et histoire. La théologie dans la modernité**. É a tese desse teólogo sobre o pensamento e o método teológico de Ernst Käsemann, um dos mais importantes exegetas e historiadores do Novo Testamento, dos últimos decênios do Séc. XX. Atuou nas relações entre a verdade e história; apresentou uma nova forma de tratar das questões desde as origens, relacionadas a Deus, ao homem e ao mundo. Tratou também da reflexão acerca das questões sobre o significado da Teologia no coração da modernidade; do entendimento do significado de *verdade e história* no mundo criado por Deus; do lugar da teologia com as suas principais questões: Que é o homem? Que é o

<sup>107</sup> Verificar as seguintes obras: ATTIAS, Jean-Christophe et GISEL, Pierre, ed.: **Enseigner le judaïsme à l'Université**, 1999; ATTIAS, Jean-Christophe, GISEL, Pierre et KAENNEL, Lucie ed.: **Messianismes**, 2000; BENBASSA, Esther et GISEL, Pierre ed.: **Europe et les Juifs** (L'), 2002; EMERY, Gilles et GISEL, Pierre ed.: **Christianisme est-il um monothéisme?** (Le), 2001; GISEL, Pierre: **Théologie face aux sciences religieuses** (La), 1999; GISEL, Pierre et KAENNEL, Lucie: **La création du monde. Discours religieux, discours scientifiques, discours de Foi**. Editions Labor et Fides et Societé biblique suisse, 1999. 136.p; GISEL, P. et TETAZ, J.-M. ed: **Théories de la Religion**, 2002.

mundo? Que é Deus? Apresenta uma postura não-cartesiana, integrada do mundo e do ser humano, com base na Sagrada Escritura, na Tradição e na História.

Em **Croyance incarnée. Tradition, Écriture, Canon, Dogme**, Pierre Gisel trata do testemunho do humano como uma categoria fundamental, que apresenta uma fé encarnada na realidade, onde a Teologia toma posição acerca da questão da verdade diante das ciências. A verdade não é reduzida a uma problemática simples, mas que procura conhecer o seu objeto. Ao se falar de crença, supõe um outro tipo de relação acerca do objeto que o adéqua; se fala do engajamento de uma subjetividade pessoal e responsável, que responde e solicita um movimento profundo de engajamento. Existe uma teologia quando existe uma história, uma tradição, uma instituição. A Teologia acompanha uma tradição e uma instituição.

Uma outra grande obra **Lá création, Essair sur la liberté et la nécessité, l'histoire et la loi, l'homme, le mal et Dieu**, é uma obra básica que trata da criação como uma realidade teológica, que implica em linhas de horizontes cultural e social. Acentua a importância da Bíblia e da tradição teológica, no sentido de se articular uma sensibilidade para se entender e se ter uma melhor postura em relação à criação de Deus.

Não poderia faltar uma obra de cunho cristológico que é a obra **Le Christ de Calvin**. É um trabalho sobre a cristologia de João Calvino. Para restaurar o homem, Deus se fez ser humano, sendo Cristo o mediador dessa restauração. A encarnação é o lugar do Mediador. Como salvador, Cristo trouxe a redenção. Essa redenção não é exclusivamente do homem, mas também de toda a criação. Em Cristo todos podem compartilhar da vida cristã no Espírito Santo.

**Corps et esprit. Les mystères de l'incarnation et de la résurrection**, trata do cristianismo que fala de ressurreição a propósito de Cristo, ressuscitado no terceiro dia. Reflete a propósito dos últimos tempos e de nosso destino último, que confessa uma ressurreição do corpo. As realidades do corpo e do espírito e suas relações, constituem uma temática ampla e a Teologia tem a ver com essa problemática. O ser humano tem participação na natureza; uma natureza inscrita em seu corpo.

Se de um lado não poderia faltar uma cristologia, por outro não poderia faltar de fato uma pneumatologia. Em **La subversion de l'Esprit. Reflexion sur l'accomplissement de l'homme**, o mundo criado por Deus é lugar de prova e de bênção. E, a vida segundo o Espírito está voltada para a realidade do mundo. As

vias judaica e cristã oferecem suas colaborações para essa reflexão. A tradição teológica dos Padres da Igreja tem de ser analisada. Uma espiritualidade de encarnação ou o desenvolvimento do humano e do mundo passam pelo crivo cristológico-pneumatológico. A história, a cultura, a Igreja e a Doutrina, apresentam uma profunda relação.

Noutras obras do autor consta um desdobramento dos assuntos apresentados nessas obras básicas, bem como em artigos publicados em revistas teológicas das universidades de Paris e da Suíça.

#### 2.4.7

#### Artigos recentes de teologia sobre a Criação e a Salvação

Nos artigos mais recentes escritos por Pierre Gisel, apresentam conteúdos que trazem a marca de um apelo a uma teologia para o mundo, para a existência. Embora seus discursos estejam voltados mais para as Ciências da Religião e para o diálogo inter-religioso hoje, não têm perdido a linha mestra que conduz à uma teologia engajada na história, que relaciona Criação e Salvação. Sobre este ponto, ele entende que a Igreja não é unicamente o horizonte da reflexão teológica, mas também o mundo que é o espaço da realidade.<sup>108</sup> O mundo é bem que veio de Deus.

Certos escritos tratam acerca da Modernidade com seus traços que produzem ou pleiteiam objetivos religiosos que avançam rumo a uma encruzilhada religiosa. Essa encruzilhada conduz a não mais se pensar numa tradição que liga a uma herança messiânica, religiosa ou leiga, privilegiando outros aspectos do fenômeno religioso, em que prevalece mais o rito do que o aspecto profético. Há pessoas que, em seus mimetismos, se preocupam apenas com o lúdico de uma vida religiosa, de nível mesmo superficial. Assim, é preciso elaborar uma teoria do religioso ou uma teoria da religião. Uma teoria do cristianismo que mostre em quê o cristianismo é uma religião e de que tipo.<sup>109</sup>

<sup>108</sup> Cf. GISEL, P. Théologie d'Église ou Horizon plus large. In: **La responsabilité des théologiens**. Mélanges offerts à Joseph Doré, Paris, Desclée, 2002, pp . 647-662.

<sup>109</sup> Cf. GISEL, P. Comment et pourquoi relie le passé en postmodernité. Plaidoyer pour une perspective généalogique. In: **Science et Esprit**, 53/1. Paris, 2001, pp . 167-188.

Muitos aspectos da existência humana mudaram depois das duas grandes guerras mundiais.<sup>110</sup> Foram choques que frustraram muitas tentativas de desenvolvimento, mas também se constituíram momentos reveladores. A experiência da guerra se sustenta bem no plano que se ata ao campo da teologia, basta verificar por exemplo Paul Tillich além de Karl Barth e Karl Rahner como grandes figuras teológicas, frutos de uma geração que aprendeu a pensar, a refletir nos momentos históricos. Sem contar ainda os filósofos como Martin Heidegger, Ernst Cassirer, Carl Schmitt, entre outros. Foi o tempo do nascimento da escola dialética, que participou plenamente da mudança manifestada, servindo como uma boa ilustração de que a Teologia tem de estar engajada na história.<sup>111</sup> Aqui se pensa no método de correlação de Paul Tillich, por exemplo.<sup>112</sup>

A contribuição de Pierre Gisel vai mais longe, no sentido de se pensar as mudanças que ocorrem nas representações do cosmo sobre a Teologia.<sup>113</sup> Dados científicos e dados bíblicos têm uma relação quando se reflete teologia, e teologia feita pela Igreja. Embora muitos tenham confrontado a Ciência e a Bíblia, fazendo aparecer suas contradições e confrontos, mesmo assim, pode haver uma possível articulação entre saber científico e a ciência da fé.

Dados mais críticos aparecem em entrevistas<sup>114</sup> e artigos, compreendendo por exemplo, três níveis de uma crise hoje no seio do cristianismo: 1) Crise nas representações tradicionais da fé; 2) Crise na realidade institucional, que toca as instituições políticas e sociais; 3) Crise que perpassa a temática da salvação. Historicamente, o cristianismo se apresenta como uma religião de salvação, e hoje essa temática aparece carregada de antropocentrismo.

É preciso considerar quatro eventos marcantes da história do cristianismo: 1) Antiguidade tardia – momento de cristalização das doutrinas; 2) A Idade Média – momento de afirmação mais forte da Igreja; 3) A Reforma Protestante –

<sup>110</sup> Cf. GISEL, P. *Théologie protestante et première guerre mondiale: quels rapports?* In: **Cristianesimo nella storia**, vol XXII/3, 2001, pp. 659-685.

<sup>111</sup> Cf. GISEL, P. *Répondre du présent entre héritages et déplacements*. In: *Site web: Page de Pierre Gisel*. Paris, 2001, pp. 1-21.

<sup>112</sup> Cf. TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. [Tradução: Getúlio Bertelli]. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987, pp. 13-64.

<sup>113</sup> Cf. GISEL, P. *La théologie face aux changements des représentations du cosmos. Quelle odyssee et pour quitter quels héritages?* In: **Théologiques** 9/1, Lausanne (Suisse): 2001, 17-48.

<sup>114</sup> Cf. GISEL, P. *Entretien. Sur le point d'entrer dans son trisième millénaire, le christianisme est conforté à de redoutables défis. Rencontre en forme de bilan avec le professeur à la Faculté de théologie de Lausanne*. In: **Le Temps**. Signalez les erreurs à [webmaster@letemps.ch](mailto:webmaster@letemps.ch), 2000, pp. 1-4.

divergências de interpretações internas no cristianismo; 4) A modernidade e seus luminares – Liberdade individual, pluralismo ou a neutralidade.

É perceptível em seus artigos que Pierre Gisel não encontre muito apoio e adesão de seus colegas teólogos, pois ele toca profundamente na ferida da Igreja e da Teologia hoje, na Europa. É interessante que muitos pontos têm também a mesma dimensão e natureza da realidade teológica do Brasil. Alguns até o acusam de defender a New Age,<sup>115</sup> mas pelo contrário, lhe faz duras críticas, como produto de um gnosticismo<sup>116</sup> sem representação concreta.

Pierre Gisel é teólogo que não tem receio de exercitar o pensar teológico-crítico.<sup>117</sup> Está sempre atento aos eventos da história e da reflexão teológica num processo de correlação.

## 2.5

### Conclusão

Este capítulo tratou do que é imprescindível num trabalho teológico em primeira plana: a problemática. A problemática da criação e salvação no próprio discurso teológico, que abrange diversificadas correntes que se movem no seio eclesial. Toda problemática tem seus pressupostos. E os principais pressupostos em torno da reflexão proposta neste trabalho, estão relacionados com as articulações dualistas que se fizeram notórias, fazendo surgir um maniqueísmo que dificulta qualquer relação. Assim, uma dificuldade surgida pode gerar um descompromisso com o ser humano e o mundo. Pelo lado científico, os pressupostos da Modernidade apresentam a ação de um gnosticismo moderno no campo das ciências, que fez gerar mentes fragmentadas, compartimentadas. Os desgastes foram e continuam sendo numerosos. E para que haja uma solução onde

<sup>115</sup> Cf. GISEL, P. Le New Age. Entre institutionnalisation de la religion et <<religiosité vagabondante>>. Un regard de théologien. In: **Revue de Théologie et de Philosophie**, 130. Paris: 1998, pp. 51-64.

<sup>116</sup> Cf. GISEL, P. Le Gnosticisme. In: **Clim to the Stars! (Stephanie Booth) – Ecriture**. Site: [tellme@climbtohestars.org](mailto:tellme@climbtohestars.org). Paris, 1998, pp. 1-14.

<sup>117</sup> Em recente artigo, datado de 05.12.2005, GISEL, Pierre escreveu **Reactions a l'expose de Claretto Famos (ORS)**. In: Observatoire des Religions en Suisse, Working Papers, 2006. O título da Claretto Famos intitula-se “Kirchen auf dem Markt? Nonprofit-Management im kirchlichen Bereich”. A questão da igreja e da Sociedade Civil. Na visão de P. Gisel é preciso definir qual é a função da Igreja e a função do Estado. Tem de haver sempre uma articulação.

possa haver uma tomada de consciência, se evoca neste trabalho as reflexões teológicas de Pierre Gisel, no intuito de se estabelecer uma articulação teológica sobre *criação e salvação*, e os impulsos que essa nova mentalidade se acercará e tomará para constituir uma nova tomada de consciência teológica na história.